



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIANY DE ALENCAR COUTO

A CATEGORIA DE EVIDENCIALIDADE NA LÍNGUA
INDÍGENA KADIWÉU

CAMPINAS,
2018

MARIANY DE ALENCAR COUTO

A CATEGORIA DE EVIDENCIALIDADE NA LÍNGUA INDÍGENA
KADIWÉU

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Mariany de Alencar Couto e orientada pela Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo.

CAMPINAS,

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Lilian Demori Barbosa - CRB 8/8052

C837c Couto, Mariany de Alencar, 1992-
A categoria de evidencialidade na língua indígena Kadiwéu / Mariany de Alencar Couto. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria Filomena Spatti Sandalo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Prova (Linguística). 2. Miratividade. 3. Língua Kadiwéu. I. Sandalo, Filomena, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Evidentially in Kadiwéu indigenous language

Palavras-chave em inglês:

Evidentials (Linguistics)

Mirativity

Caduveo language

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Maria Filomena Spatti Sandalo [Orientador]

Angel Humberto Corbera Mori

Vitória Regina Spanghero

Data de defesa: 30-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA

Maria Filomena Spatti Sandalo

Angel Humberto Corbera Mori

Vitória Regina Spanghero

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

DEDICATÓRIA

[...]

Afinal, nem toda lágrima é dor

Nem toda graça é sorriso

Nem toda curva da vida

Tem uma placa de aviso

E nem sempre o que você perde

Tem uma placa de aviso

E nem sempre o que você perde

É de fato um prejuízo

O meu ou o seu caminho

Não são diferentes

Tem espinho, pedra, buraco

Pra mode atrasar a gente

[...]

É a vida insistindo em nos cobrar

Uma conta difícil de pagar

Quase sempre por ter um alto preço

Uma pequena mudança

Às vezes traz esperança

E faz a gente seguir

Continue sendo forte

Tenha fé no Criador

Fé também em você mesmo

Não tenha medo da dor

(Braulio Bessa)

Às minhas avós Adelina e Placidina, e meu grande amigo
Duca (em memória). Pessoas amadas e insubstituíveis.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos professores queridos e dedicados que fizeram parte da minha vida escolar desde a alfabetização até a conclusão do ensino médio, em especial àqueles que lecionaram nas escolas estaduais João Ponce de Arruda e Fernando Corrêa.

Aos professores de Letras do meu período de graduação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul: Vitória Regina Spanghero, Edson Rosa, Celina Nascimento, Mariana Garcia, Joceli Stassi, Sheyla Matoso e Amaya Prado. Por terem segurado minha mão e me ajudado a seguir nesse caminho tão bonito chamado docência.

Aos professores da pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas: Angel Corbera, Maria Filomena, Wilmar D'Angelis, Sheila Elias e Aquiles Tescari. Cada um contribuiu de maneira única para que eu alcançasse o título de mestre.

À minha orientadora de mestrado, Maria Filomena Spatti Sandalo, por ter sido muito mais do que uma profissional magnífica, por ter sido humana e compreensiva com todos meus problemas e dificuldades. Não há palavras para agradecer toda atenção e oportunidades que me ofereceu. Serei eternamente grata.

Ao professor Angel Humberto Corbera Mori, o primeiro a acreditar na minha capacidade e me orientar dentro da academia. Um exemplo de profissional dedicado e impecável, e de ser humano gentil e bondoso.

Ao casal de Kadiwéu, Hilário e Sandra, que disponibilizaram seu tempo e dedicação para contribuir na pesquisa sobre sua língua materna. É muito importante o reconhecimento e a preocupação do nativo em preservar sua história.

À família maravilhosa que tenho. Sempre me apoiaram e acreditaram nos meus sonhos, sem nunca deixarem de ser colo e porto seguro para os momentos de medo e insegurança. Ao meu pai, Mario Couto, sem o qual nada disso teria sido possível. À minha mãe, Luziany Alencar, sempre preocupada com meu sono e alimentação. À minha irmã, Juliany Alencar, que cuidou dos nossos pais na minha ausência.

À minha família de amigos treslagoenses: Paulo Henrique, Eduardo Baracho, Gustavo Ribeiro, Malu Taveiros, Raphael Borges e Jackeline do Carmo. São anos de amizade e mil histórias compartilhadas, vocês são minha força para seguir e acreditar em um mundo melhor.

À minha família de amigos campineiros: Gabriela Pivaro, Afonso Resende, Gabriel Camine, João Victor, Eduardo Cavaleira, Michele Luz, Juliana Brentegani e Fernanda Isack. Vocês fizeram essa jornada mais leve e fácil de trilhar, eu não teria conseguido sozinha.

À família Sandrini Luz, por ter me acolhido em seu seio e me tratado como filha durante todo esse tempo. Serei eternamente grata por cada segundo que me proporcionaram, eu não teria tantas histórias lindas para contar se não fosse por vocês.

À Marily Rodrigues, por se fazer presente na reta final do mestrado, bem como em diversas outras fases importantes da minha vida, e me motivar a ser uma pessoa melhor a cada dia. Você trouxe paz e apoio no momento que mais precisei.

Às Forças Superiores, que não me permitiram surtar ou abandonar tudo e voltar para casa. Os desafios de morar em um lugar desconhecido e estudar em uma universidade tão renomada são incontáveis. E a sensação de frustração e incapacidade são constantes no cotidiano.

A todos, minha eterna gratidão.

RESUMO

A análise e descrição de línguas indígenas é muito importante para a pesquisa científica, uma vez que esta é uma área pouco estudada. Sendo assim, o presente trabalho oferece um estudo descritivo dos morfemas de evidencialidade na língua indígena Kadiwéu. Para tanto, assumimos o conceito de que a categoria de evidencialidade tem como objetivo primário oferecer a fonte da informação contida na proposição, marcando gramaticalmente sua ocorrência na língua. Diferenciamos, na literatura, os limites entre modo, modalidade e evidencialidade, enquadrando tais fenômenos como pertencentes a categorias diferentes e com características exclusivas, e demonstramos, em Kadiwéu, as ocorrências encontradas sobre a categoria gramatical de evidencialidade, foco deste trabalho. E não surpreendentemente, já que estamos lidando com uma língua polissintética, observamos que em Kadiwéu a categoria de evidencialidade não só prioriza a fonte da informação, através de marcadores próprios, como também é capaz de salientar quando uma nova proposição possui uma carga semântica desconhecida pelo ouvinte. Essa presença de uma informação inesperada, iremos chamar de extensões de miratividade (ou extensões mirativas). Nesta pesquisa assumimos *one* como marca do sistema de evidencialidade indireta, podendo ser reportada ou inferencial, tendo seu correspondente negativo em *aona*, e *atone* codificando evidencialidade com extensão mirativa. Enquadrar essas palavras nas categorias de tipo de fonte de informação proposta por Aikhenvald, se apresentou como melhor forma de análise, uma vez que esta autora dedicou-se a estudar as manifestações que essa categoria pode ter em diversas línguas. Além disso, ela assume que evidencialidade e miratividade podem ter um ponto de conexão por meio da extensão mirativa, ou seja, uma palavra é capaz de ser categorizada como evidencial, devido à sua capacidade de transmitir a fonte na qual a informação foi adquirida, e simultaneamente ser uma informação que o ouvinte não tinha conhecimento e não sabia que poderia ocorrer, também chamada por Aikhenvald como *mente despreparada*.

Palavras-chave: Evidencialidade; Miratividade; Kadiwéu.

ABSTRACT

The analysis and description of indigenous languages is very important for scientific research, since it is a poorly studied area. Therefore, the present work offers a descriptive study of evidential morphemes in Kadiwéu indigenous language. We assume that the primary objective of evidential morphemes is to offer the source of the information contained in the proposition grammatically marked in the language. We differentiate the limits between mode, modality and evidentiality, framing such phenomena as belonging to different categories and with unique characteristics, and we concentrate on Kadiwéu evidentiality. And, not surprisingly, since we are dealing with a polysynthetic language, we observe that, in Kadiwéu, evidentials mark the source of the information and it also marks counterfactuality, phenomenon labelled mirativity (or mirative extensions). In this research we assume *one* as a mark of the indirect evidentiality system, being able to be reported or inferential, having its negative counterpart in *aona*, and *atone* encoding evidentiality with mirative extension. Framing these words in the categories of information source type proposed by Aikhenvald was presented as the best form of analysis, since she is dedicated to studying the manifestations that this category can have in several languages. In addition, it assumes that evidence and miraculousness may have a point of connection through mirative extension, that is, a word is capable of being categorized as evidential because of its ability to convey the source in which the information was acquired, and simultaneously be an information that the listener was unaware of and did not know could occur, also called by Aikhenvald as unprepared mind.

Key-words: Evidentiality; Mirativity; Kadiwéu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Página inicial da plataforma Tycho Brahe.

Ilustração 2. Trecho do conto “A mulher onça” na plataforma Tycho Brahe.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipologia Funcional da Modalidade Epistemológica proposta por Hengeveld (1988).

Tabela 2. Sistematização proposta por Willet (1988).

Tabela 3. Proposta de esquematização da categoria de EV de Aikhenvald (2004).

Tabela 4. Proposta de sistematização da categoria de evidencialidade baseada em Willet (1988) e Aikhenvald (2004).

Tabela 5. Sistematização de evidencialidade proposta por Jakobson (1957)

Tabela 6. Caminho semântico para leitura mirativa conforme Aikhenvald (2004).

Tabela 7. Caminho semântico alternativo para leitura mirativa conforme Aikhenvald (2004).

Tabela 8. Proposta de sistematização das palavras funcionais de evidencialidade em Kadiwéu.

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ADJ	adjunto
ADV	advérbio
APL	aplicativo
CL	clítico
CLFN	classificador numeral
COMP	complementizador
CONJ	conjunção
CT	complementizador temporal
D	determinante
EVDIR	evidencialidade direta
EVI	evidencialidade indireta
EVINEG	evidencialidade indireta negativa
EVINF	evidencialidade indireta inferencial
EVIMIR	evidencialidade indireta com extensão mirativa
EVQ	evidencialidade quotativa
EVIREP	evidencialidade indireta reportada
EVIREPNEG	evidencialidade reportada negativa
INTJ	interjeição
NEG	negação
PL	plural
POSS	possessivo
PRO	pronome
RLTV	pronome relativo
T	tempo

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
1.1. Autores e seus estudos sobre a língua Kadiwéu.....	15
2. Metodologia.....	16
2.1. Plataforma Corpus Histórico do Português Tycho Brahe: apresentação e funcionamento do projeto.....	19
3. Levantamento da literatura sobre a categoria de evidencialidade	21
4. Evidencialidade, miratividade e extensões mirativas.....	26
5. Diferenças entre as categorias gramaticais de modo, modalidade e evidencialidade	30
6. Análise do <i>corpus</i>	35
6.1. Evidencialidade Indireta Reportada (EVIREP).....	38
5.2. Evidencialidade Indireta Inferencial (EVINF)	39
5.3. Evidencialidade Indireta com Extensão Mirativa (EVIMIR).....	42
7. Conclusão	47
8. Referências Bibliográficas.....	49
9. Apêndice.....	54

1. Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo fornecer um estudo descritivo sobre a categoria de evidencialidade (doravante EV) - com especial enfoque na evidencialidade indireta (EVI) e com extensão mirativa (EVIMIR) - na língua Kadiwéu. Além disso, buscamos diferenciar essa categoria de outras como modo e modalidade. Isso se faz importante ao passo que diversos linguistas, como veremos no capítulo 3, costumam aglomerar todas essas ocorrências como pertencentes ao mesmo fenômeno. Por fim, buscamos comprovar a hipótese de que a língua Kadiwéu apresenta os fenômenos de EV indireta e com extensão de miratividade gramaticalizados.

A categoria gramatical de EV não é um fenômeno linguístico muito frequente, ocorrendo apenas em cerca de 25% das línguas do mundo (Aikhenvald, 2004). O fato dela ser incomum nas línguas europeias faz com que muitos pesquisadores confundam EV com outras categorias mais conhecidas, tornando seu conceito algo ainda indefinido. Apesar do recente aumento do interesse nessa classe, continua sendo uma das categorias gramaticais menos conhecidas e a redução no uso de seu sistema pode ocorrer devido ao contato do falante com diferentes línguas que não possuem esse mesmo sistema gramaticalizado. Em termos gerais, marcar uma fonte de informação indica o meio através do qual alguém aprendeu alguma coisa.

A categoria de EV pode ser expressa de diversas maneiras: por meio de afixos, clíticos ou partículas, ou formas verbais específicas. Dificilmente há limitações morfológicas sobre sua manifestação. Em Kadiwéu, essa categoria se manifesta através das palavras funcionais *one*, *aona* e *atone*, caracterizando evidencialidade indireta (EVI), evidencialidade indireta negativa (EVINEG) e evidencialidade indireta com extensão mirativa (EVIMIR), respectivamente. É importante salientar que nossa pesquisa foi toda baseada em dados provenientes do corpus, disponível online, Tycho Brahe¹ (doravante TBC) e da bibliografia existente².

Buscamos, com o presente trabalho, contribuir com as pesquisas feitas sobre a comunidade Kadiwéu, afim de permitir novos estudos sobre sua língua e cultura. Uma vez que se trata de uma língua com uma morfologia complexa, toda sorte de estudos são muito bem-vindos como contribuição para preservar as características dessa comunidade. Além disso,

¹ Apresentaremos detalhadamente a plataforma que comporta nosso corpus no subitem 2.1

² Listaremos os principais estudos no subitem 1.1 a seguir.

trouxemos diversos exemplos de outras línguas que também apresentam o mesmo fenômeno de EV gramaticalizado, demonstrando o nível de importância dessa categoria para a linguística.

Sendo assim, esta dissertação está dividida em sete capítulos e seus respectivos subcapítulos, sendo eles: **1.** Introdução: apresentação do trabalho; **2.** Metodologia: apresentação da plataforma Tycho Brahe e organização do corpus utilizado; **3.** Levantamento da literatura sobre a categoria gramatical de evidencialidade; **4.** Evidencialidade, miratividade e extensões mirativas; **5.** Diferenças entre as categorias gramaticais de modo, modalidade e evidencialidade; **6.** Análise do *corpus*; **7.** Conclusão: reflexões e resultados obtidos com a pesquisa.

1.1. Autores e seus estudos sobre a língua Kadiwéu

Griffiths (1973) fez uma descrição sobre numerais e demonstrativos do Kadiwéu. Em seguida, Griffiths & Griffiths (1976) descreveram aspectos da fonologia e da morfologia verbal e nominal. Braggio (1981) também discutiu aspectos, em sua dissertação, da fonologia e morfologia do Kadiwéu. Posteriormente, Glyn Griffiths (1987) analisou, em sua dissertação de mestrado, orações relativas e orações interrogativas em Kadiwéu, e em sua tese de doutorado aprofundou as mesmas questões. (Griffiths, 1991). Como tese de doutorado, Sandalo (1996) elaborou uma gramática descritiva bastante detalhada do Kadiwéu, abordando aspectos fonológicos, morfológicos (verbal e nominal) e sintáticos dessa língua, incluindo um dicionário de raízes verbais e nominais. Griffiths (2002) elaborou um dicionário da língua Kadiwéu. Sandalo escreveu sobre a sintaxe de pronomes em Kadiwéu (2002), caso e hierarquia de pessoa (Sando, 2004), hierarquia de pessoa e voz inversa em Kadiwéu (Sando 2009, Nevins & Sandalo, 2011). Também em Sandalo (2011) é abordada a questão da estratificação social e a ocorrência do dialeto nobre e não nobre em Kadiwéu. Em Sandalo (2014), há uma discussão sobre verbos seriais presentes nessa língua. E em 2018, Sandalo descreve e discute o a tipologia de nomes em kadiwéu e seu sistema de classificadores numerais (Sando & Micelioudakis 2018). Finalmente, Sandalo (2018) discutiu o sistema de medir e de contar na gramática do kadiwéu tradicional e com palavras emprestadas do português no Kadiwéu. Souza (2012) defendeu sua dissertação sobre variações fonológicas e lexicais entre a linguagem utilizada por homens e mulheres Kadiwéu. Sena (2017) desenvolveu sua dissertação defendendo a ocorrência do fenômeno de obviação em Kadiwéu.

2. Metodologia

O corpus utilizado nesta pesquisa consiste em narrativas de corpus de Filomena Sandalo entre 1993 e 2018. Este material está salvo em áudio e transcrito em arquivos do excel. Obviamente nem tudo foi utilizado. Os textos usados estão armazenados no corpus Tycho Brahe discutido abaixo. Como forma de familiarização com a língua, no início da pesquisa, auxiliei no preenchimento das *tags* na plataforma online Tycho Brahe junto com Ticiane Sena, sob orientação de Sandalo. No mesmo período, recebemos a visita dos falantes indígenas Hilário Silva e Sandra Costa para correções e complementização do corpus, além de colaborar com outras pesquisas desenvolvidas por Filomena Sandalo sobre a fonologia Kadiwéu. Apesar de não se tratar de uma pesquisa com trabalho em campo, no início do segundo ano de mestrado acompanhei uma visita à cidade de Bodoquena, interior do Mato Grosso do Sul, com o objetivo de conhecer as aldeias e observar como são feitas as gravações e coleta de dados para análise.

Para desenvolver essa dissertação foi necessário separar todas as ocorrências de EV, contida no corpus escrito e coletado por Sandalo, em um novo arquivo, a fim de sistematizar a análise. A partir disso, no início do trabalho, aceitamos a hipótese de que EV tratava-se de um braço da modalidade epistemológica (doravante ME), conforme propõe Hengeveld (1988):

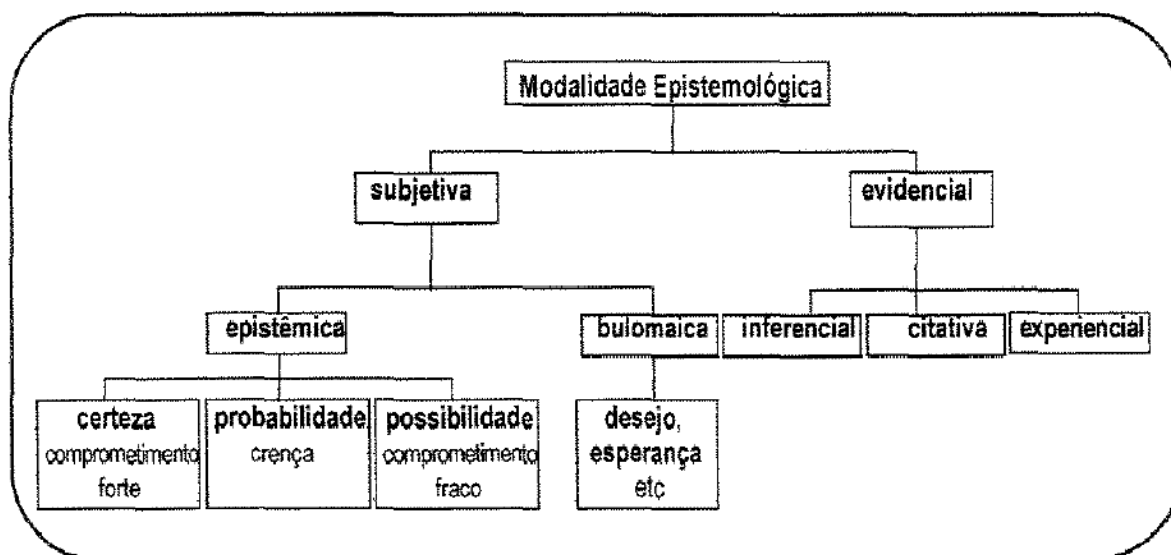


Tabela 1. Tipologia Funcional da Modalidade Epistemológica proposta por Hengeveld (1988).

Assumindo essa proposta, temos EV como uma subcategoria da ME, e dessa forma seu significado primário não é apenas a fonte da informação, mas também a confiabilidade que

o falante pode ter sobre o conteúdo proposicional³. Essa ideia é muito propagada no estudo desenvolvido por Matthewson, Davis e Rullmann (2007), os quais afirmam que, além de haver uma sobreposição dos evidenciais⁴ com outros domínios semânticos, em algumas línguas as EV passam nos mesmos testes utilizados para ME, conforme os moldes desenvolvidos por Kratzer (1991) e utilizado na literatura de EV de maneira canônica por Izvorski (1997).

Outros autores acreditam que apesar de ME e EV não serem uma única categoria, elas se sobrepõem e são inseparáveis. Neste sentido, os trabalhos de Thomas Willett (1988), apesar de ainda estar sob a luz da ME, considerou como função primária da EV exclusivamente a fonte da informação. Mesmo diante de toda influência da literatura de seu período, notamos que este autor não trata mais a confiabilidade da informação como função primária dessa categoria. Temos, assim, um grande avanço em direção à proposta que assumimos como mais adequada para este trabalho. Em Willett temos a seguinte sistematização:



Tabela 2. Sistematização proposta por Willet (1988).

No entanto, somente em Faller (2002) encontramos argumentos convincentes para pensar na EV como uma categoria independente. Para ela: **i.** Apesar da proximidade entre EV

³ Para uma melhor compreensão dos termos aqui utilizados, temos que a proposição designa um "conteúdo proposicional" ou um "fato possível", que pode ser motivo de surpresa ou dúvida, menção ou negação, rejeição e lembranças, verdade ou falsidade, como já afirmou Lyons (1977).

⁴ Neste trabalho estamos utilizando os termos 'evidenciais' e 'evidencialidade' como sinônimos referentes ao mesmo fenômeno linguístico.

e ME, cada categoria possui uma função primária distinta. EV marca a fonte da informação do falante, enquanto ME traduz o comprometimento do falante com a verdade da proposição; **ii.** Mesmo existindo línguas em que há elementos que marcam tanto EV quanto ME, há também línguas que possuem elementos distintos para ambas as marcações; **iii.** Verdadeiras EV marcam a fonte da informação e não a deixam implícitas. Verdadeiras ME marcam o comprometimento do falante e também não o implicam conversacionalmente.

Aikhenvald (2004) defende a total autonomia da categoria de EV em relação às categorias de modo - relativo a um ato de fala - e modalidade - grau de certeza em relação ao que é dito (Matthews 1997: 228). Em cada caso é importante determinar seu significado primário em termos internos de linguagem. As formas pelas quais as extensões semânticas evidenciais se sobrepõem com modalidades e significados como probabilidade ou possibilidade dependem do sistema individual e da semântica de cada termo evidencial. Vejamos a sistematização da proposta dessa autora:

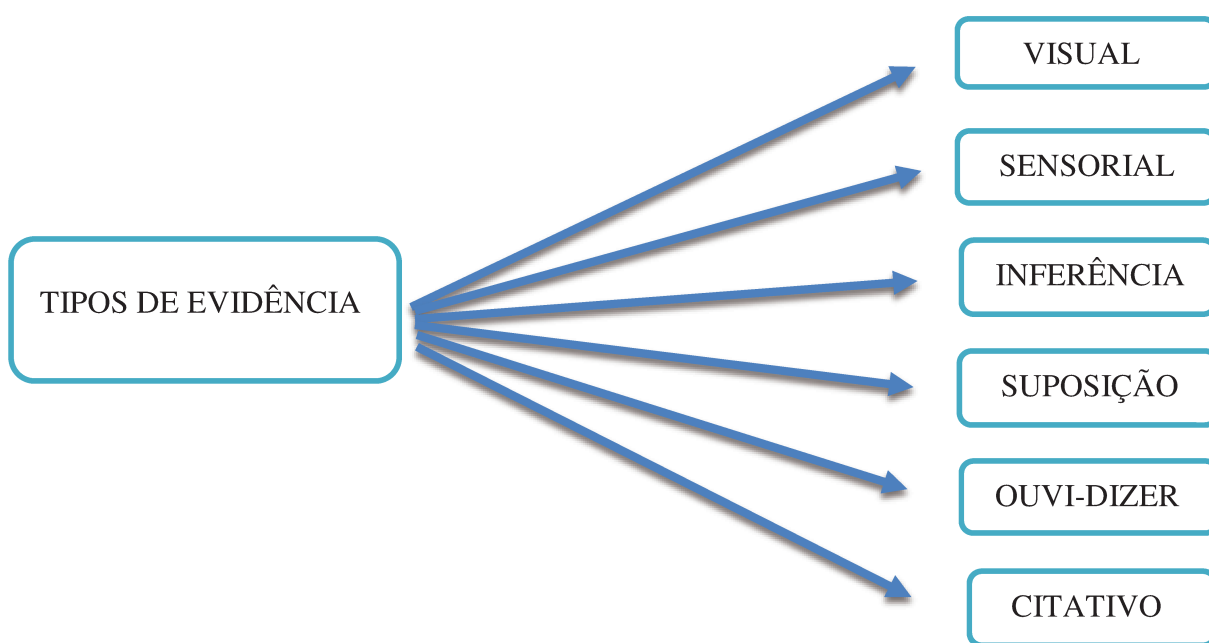


Tabela 3. Proposta de esquematização da categoria de EV de Aikhenvald (2004).

Sendo assim, para o presente trabalho, assumimos EV como uma categoria independente e que tem como função principal fornecer a fonte da informação contida na proposição. Apesar da proximidade com a ME, a categoria de EV não possui nenhum comprometimento com a veracidade da informação repassada na proposição. A sistematização que iremos apresentar, e utilizar para analisar nossos dados, trata-se de uma adaptação das propostas de Willet (1988) e Aikhenvald (2004) e justifica-se devido ao caráter polissintético

da língua Kadiwéu e pelas ocorrências nela encontradas. É importante pontuar que a tabela a seguir enquadra-se exclusivamente para as EV encontradas na língua em questão, sendo necessária uma nova adaptação para abarcar todos os fenômenos de outras línguas com sistemas maiores de EV. Veja:

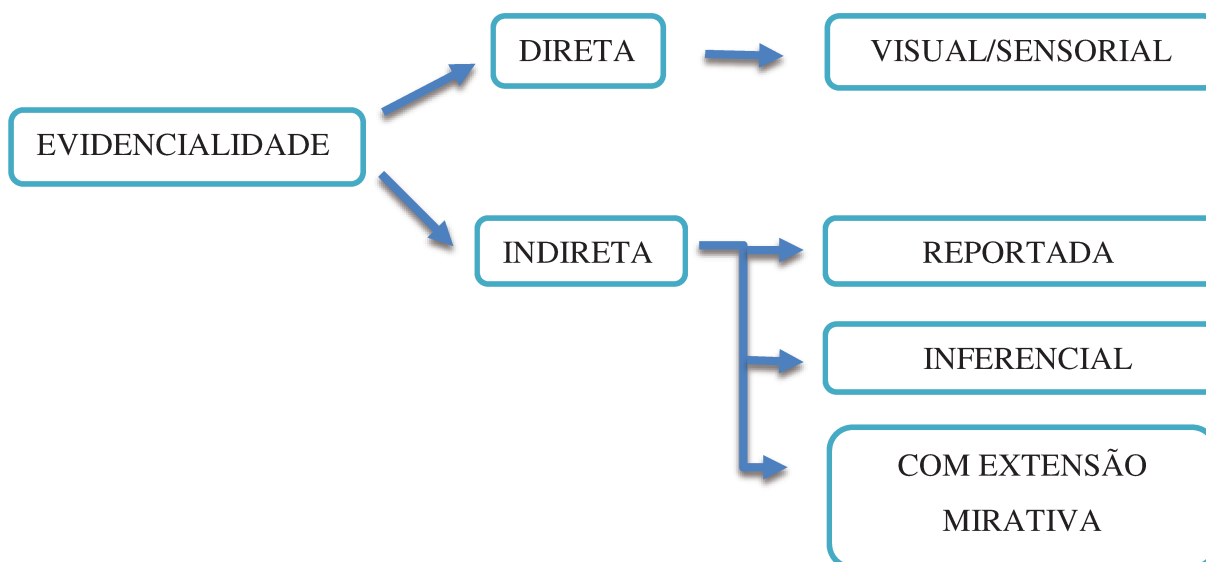


Tabela 4. Proposta de sistematização da categoria de evidencialidade baseada em Willet (1988) e Aikhenvald (2004).

2.1. Plataforma Corpus Histórico do Português Tycho Brahe: apresentação e funcionamento do projeto

A plataforma Corpus Histórico do Português Tycho Brahe⁵ tratava-se, originalmente, de um corpus eletrônico composto de textos escritos por autores nascidos entre 1380 e 1881, cujo projeto é coordenado pela Prof^a. Dr^a. Charlotte Marie Chambelland Galves e desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas. Segundo dados disponíveis no site da plataforma, atualmente o corpus conta com 76 textos contendo 3.302.696 palavras analisadas e catalogadas. O sistema de anotação adotado consiste em duas etapas: **i. Anotação morfológica**: aplicada em 45 textos contendo o total de 2.012.798 palavras; **ii. Anotação sintática**: aplicada em 27 textos com 1.234.323 palavras. Em união com a Prof^a. Dr^a. Maria Filomena Spatti Sandalo, criou-se, na plataforma, uma extensão de parte-do-discurso (doravante POS) para incluir, de maneira inédita, dados da língua indígena brasileira Kadiwéu.

⁵ Disponível para acesso no seguinte endereço eletrônico: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/manual/tags.html>

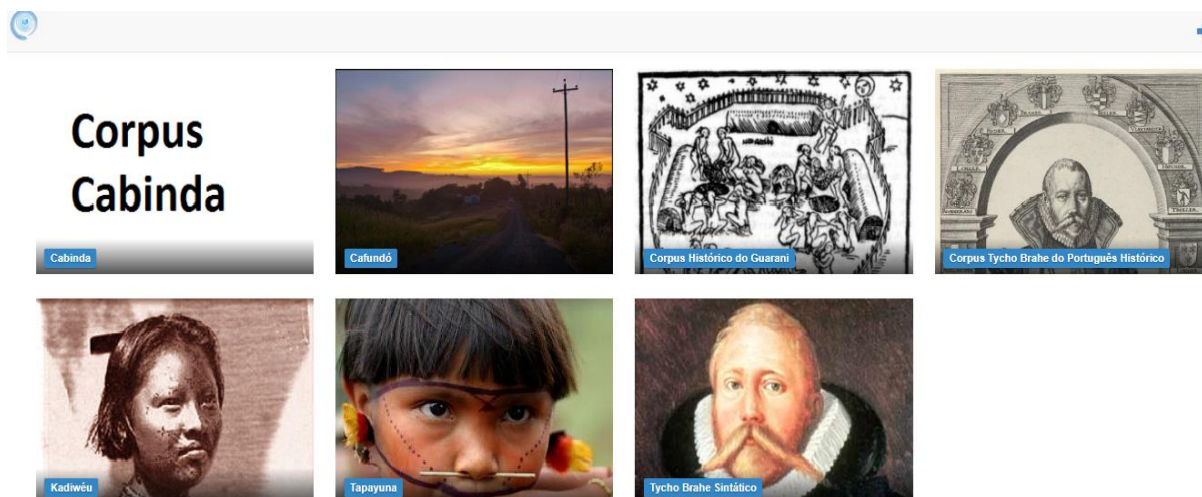


Ilustração 1. Página inicial da plataforma Tycho Brahe.

O TBC, originalmente criado para analisar a sintaxe e morfologia do Português, foi adaptado para contemplar as marcações da língua Kadiwéu no que tange à categoria das palavras e também para codificar suas propriedades morfológicas por meio de uma única *tag*. Esse procedimento consiste em dois níveis, primeiro atribui-se a cada cabeça sintática uma etiqueta POS, independente se for composta de uma palavra livre ou um morfema preso; em seguida, apresentamos uma segunda marcação que descreve cada morfema da língua. Permitindo, dessa forma, pesquisas que combinem os três níveis de anotação. Também foi preciso expandir a plataforma para que suportasse até quatorze morfemas distribuídos em prefixos e sufixos. Apesar do sistema POS do Kadiwéu ser uma extensão do sistema POS utilizado para a língua portuguesa no TBC, as diferenças gramaticais entre as duas línguas nos obrigam a introduzir *tags* inéditas no sistema de marcação para o Kadiwéu (Galves, Sandalo, Sena & Veronesi 2017).

Basicamente, o sistema opera em um ambiente multi-corpora que permite que vários corporas sejam mantidos juntos com múltiplos serviços disponíveis armazenados na nuvem, sendo o *EDictor* a entrada principal do usuário. No caso da língua indígena Kadiwéu, em que os morfemas são marcados independentemente das palavras, o mecanismo consiste em abrir uma caixa para que o pesquisador informe os morfemas que compõem essa palavra, para isso basta inserir um espaço em branco entre cada morfema. O sistema capta essa sequência e a quebra, aplicando o processo de *tokenização*, criando um objeto computacional para cada morfema na estrutura do documento. Visualmente, palavras (*tokens*) e morfemas (*tokens* divididos) são apresentados ao usuário e abaixo de cada um há um campo no qual o pesquisador escolhe a marcação apropriada para as palavras ou morfemas. O sistema trabalha com

abordagem de marcação de dois níveis, alimentando automaticamente a lista com as marcações correspondentes, ou seja, se for uma palavra, somente as *tags* POS estarão disponíveis, se for um morfema, as *tags* morfemas serão exibidas.

Essa plataforma também tem um modelo de dicionário embutido para cada corpus individual. Isto significa que cada palavra ou morfema é gravado no banco de dados e pode ser usado para dois propósitos principais: **i.** Preencher automaticamente a informação de *token* na interface; **ii.** Realizar linearização automática (dividir *tokens* em unidades menores).

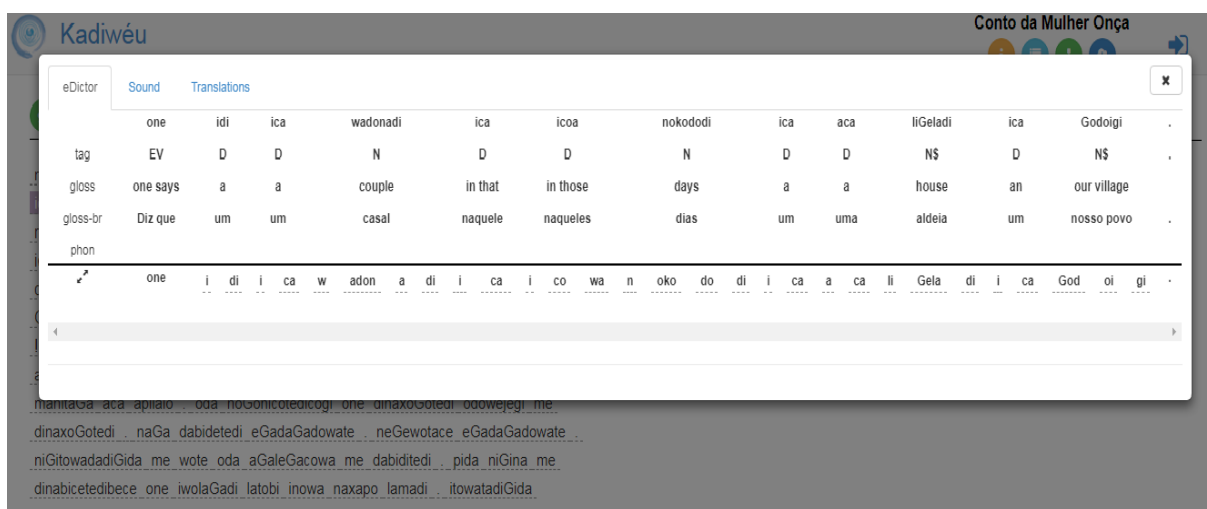


Ilustração 2. Trecho do conto “A mulher onça” na plataforma Tycho Brahe.

3. Levantamento da literatura sobre a categoria de evidencialidade

Na literatura linguística há vários estudos que versam sobre a categoria de EV em línguas naturais. No entanto, poucos são os que conseguiram descrever as manifestações e teorizar uma padronização para essa categoria gramatical. Sendo assim, apesar de vasta, EV ainda não possui um consenso conceitual. A situação se complica ainda mais quando optamos por abranger textos de diferentes teorias linguísticas em busca de um apanhado mais abrangente.

Os morfemas correspondem a categorias obrigatórias, como tempo e modo, enquanto que as partículas - gramaticais também e dotadas de significados bem definidos – se anexam aos predicados de maneira livre, não obrigatória, sem formar categorias fixas. Por outro lado, a necessidade de descrever o valor e o funcionamento das partículas para o linguista contrasta com a dificuldade de captar as nuances que não cabem em nenhuma das categorias tradicionais, precisamente porque não formam categorias conhecidas. EV é um caso do

complexo predicativo, seja verbal ou nominal, que muitas vezes são apresentados como parte de outra categoria gramatical.

O fenômeno da EV se firmou como tópico na pesquisa somente em 1980 por meio da publicação de Chafe e Nichols (1986), no qual encontram-se reunidos os vários trabalhos apresentados na primeira conferência sobre o tema, realizada na universidade de Berkeley (EUA) em 1981, além de diversos documentos que servem como base para exames teóricos sobre EV. Até mesmo sua nomenclatura sofreu diversas modificações, Chafe (1986) nomeou como *sentido estreito* o que estamos chamando de EV, ou seja, aquilo que faz referência à marcação da fonte de informação. Enquanto que *sentido amplo* caracteriza o que conceituamos como categoria gramatical de modo, em que temos a marcação da atitude do falante em relação à realidade. Mais especificamente, o modo está relacionado à avaliação subjetiva do falante com relação ao conteúdo do evento, fato, que por sua vez, qualifica a proposição (Dik, 1997; Lyons, 1977; Hengeveld e Mackenzie, 2008). A extensão epistêmica⁶ é um significado secundário da EV, ela é responsável por expressar probabilidade, possibilidade e confiabilidade da proposição. O fato do evidencial conter extensão semântica relacionada à probabilidade, avaliação do falante e confiabilidade da informação, não o torna um tipo de modal.

Derbyshire (1985) denominava EV como morfemas verificacionais, enquanto Jake e Chuquim (1979) utilizaram o termo validacionais. Segundo Dendale e Tasmowski (2001), o primeiro uso do termo atual foi registrado no início do século XX com os trabalhos de Boas e Sapir, vindo a se tornar mais usual na linguística algumas décadas mais tarde com o trabalho *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*, de Jakobson (1957), no qual encontra-se, pela primeira vez, a diferenciação entre as categorias gramaticais de modo e EV. Na teoria de Jakobson, EV é vista como uma interação entre eventos, e não participantes. Há três eventos envolvidos: **i. (E)** evento narrado; **ii. (Es)** evento de fala; **iii. (Ens)** evento de fala narrado. Sendo o último responsável pela fonte de informação da proposição. Quando o evento de fala é o mesmo que o evento narrado, então temos informações diretas (EVDIR). Quando os dois eventos de fala são diferentes, estamos lidando com EV indiretas (EVI). Esse autor afirma que as EV, assim como o tempo, o modo e a pessoa, são *shifters*, cujo significado "não pode ser definido sem uma referência à mensagem" (1971, p.131). Categorias como gênero, número e aspecto não são *shifters*. Jakobson define, de forma parcialmente explícita, a EV separada do modo/modalidade, que é definida como: "A relação entre o evento narrado e seus participantes

⁶ Neste trabalho estamos utilizando os termos 'modalidade epistêmica', 'extensão epistêmica' e 'espaço epistêmico' como sinônimos referentes ao mesmo fenômeno linguístico.

com referência aos participantes do evento de fala [...] esta categoria reflete a visão do falante sobre o caráter da conexão entre a ação e o ator ou o objetivo” (1971, p. 135).

Isso mostra que Jakobson (1957) define a EV como uma interação de eventos, enquanto modo e modalidade são, principalmente, uma interação de participantes do ato de fala e o evento narrado. A proposta desse autor pode ser sistematizada da seguinte forma:

EVIDENCIALIDADE	CONCEITO
DIRETA	Quando o evento de fala é o mesmo que o evento narrado.
INDIRETA/BOATOS	Quando o evento de fala é diferente do evento narrado.
REVELATIVA	Quando a fonte de informação do evento de fala é um sonho.
PRESSUPOSIÇÃO	Quando o evento de fala é baseado em palpites/achismos
MEMÓRIA	Quando o evento narrado tem como base experiências anteriormente vividas.
INFERIDA	Quando o evento é narrado com base no raciocínio e deduções lógicas.

Tabela 5. Sistematização de evidencialidade proposta por Jakobson (1957)

Categorias e ocorrências que adquirem significados secundários relacionados de alguma forma com a fonte de informação são chamados de estratégias de EV. Elas são distintas das EV propriamente ditas, cujo principal - e não raramente exclusivo - significado é a fonte de informação. As estratégias de EV incluem modos e modalidades não-indicativos (incluindo condicionais e irrealis) e futuros, tempos passados, resultativos e perfeitos, passivos, nominalizações (incluindo participípios e infinitivos), complementação e marcação de pessoa. Mesmo demonstrativos podem codificar informações auditivas e visuais. Assim como as próprias EV, as estratégias de EV podem, ou não, ter extensões epistêmicas de seus significados (isto é, referem-se à probabilidade ou possibilidade de algo acontecer).

Givón (1982) percorreu o mesmo caminho que a maioria dos pesquisadores, buscando relacionar EV e espaço epistêmico. Da mesma forma, Willet (1988) trouxe o uso da categoria de EV associada à ME para designar morfemas que indicam a fonte da informação transmitida na proposição. Ele foi responsável por produzir o primeiro estudo tipológico sobre

as categorias de EV e sua estrutura hierárquica, examinando a relação entre EV direta e indireta, chegando à conclusão de que existe um grau menor de confiança na verdade da proposição quando EV indiretas são usadas. Na mesma direção, Palmer afirmou que: “The status of the speaker’s understanding or knowledge: this clearly includes both his own judgements and the kind of warrant he has for what he says” (PALMER, 1986, p.51). Ele dedica muito espaço à EV em seu livro sobre modo e modalidade, integrando-a à ME. É nítido que Palmer trilha um caminho um pouco mais longo, o qual contempla a língua como interação social.

De maneira semelhante, Dik (1989) defende que o enunciado - também chamado de expressão linguística - produzido pelo falante se faz em função de sua intenção, da informação pragmática e da antecipação que ele faz de como a informação será interpretada, enquanto que para o ouvinte este processo ocorre no sentido inverso. Em outras palavras, o conteúdo semântico representa a informação necessária e suficiente que corresponde sistematicamente a determinadas intenções para determinadas interpretações, dentro da estrutura definida pela informação pragmática disponível ao falante e ao ouvinte. Sendo assim, temos como principal função da interação verbal a realização de mudanças, por parte do falante, na informação pragmática do ouvinte. Em análise, Dik (1989) nomeia de *o ponto real da interação verbal* essas mudanças.

Na literatura linguística francesa, Guentchéva (1996) foi responsável por substituir o termo EV por *médiatisée* para destacar o fato de que estamos lidando com enunciados mediados, ou seja, o falante não está expressando uma opinião sobre a verdade da proposição que ele está reportando. Em concordância, De Haan (1999) propõe a separação entre a categoria de EV e a ME, esse autor considera a probabilidade de uma categoria dêitica, comparando EV à categoria dos demonstrativos. Na linguística formal, e de orientação gerativa, Cinque (1999) também incluiu EV em uma categoria separada da modalidade, dando-lhe um novo espaço na cartografia, sem, no entanto, aprofundar a pesquisa e distinguir entre os tipos de evidenciais. Os trabalhos em semântica formal incluem Garrett (2001) em *Evidencialidade em Tibeto-Burman* e Faller (2002) sobre *Evidencialidade no Quechua do Cuzco*.

Estudos indicam que o primeiro pesquisador que formulou explicitamente a noção de fonte de informação obrigatória foi Boas. Em sua introdução ao *Manual of the American Indian languages*, Boas (1911a: 43) afirma que “cada linguagem tem uma tendência peculiar de selecionar esse ou aquele aspecto da imagem mental que é transmitida pela expressão do pensamento”. Desde então as EV entraram em muitas gramáticas das línguas indígenas norte-americanas, mas seu lugar exato como uma categoria independente levou um tempo para ser definido. Alguns estudiosos consideraram EV como um tipo de modo, principalmente devido

ao espaço verbal em que entraram. Na gramática de Tsimshian⁷, Boas (1911c: 348-9) agrupou EV e sufixos modais nesses fundamentos estruturais. Sapir (1922) tratou a EV inferencial em Takelma⁸ como uma das seis categorias de modo/tempo. E Swadesh (1939) analisou a EV quotativa (EVQ) e a EV inferencial (EVINF) em Nootka⁹ como "modos de evidência", dentro de um gráfico maior de inflexão de modos. A importância da fonte de informação marcada separadamente ganhou força gradualmente e tornou-se parte integrante das várias gramáticas das línguas indígenas.

Um dos maiores estudos sobre a categoria gramatical de EV pertence a Aikhenvald (2004) e baseia-se em dados de cerca de quinhentas línguas. Ela afirma que a categoria EV oferece, como significado primário, a fonte da informação repassada. Como função secundária, temos o comprometimento, ou distanciamento, do falante com a verdade, ou não, da proposição. Essa autora classifica os tipos de EV em: **i.** Visual; **ii.** Sensorial; **iii.** Inferência; **iv.** Suposição; **v.** Ouvi-dizer; **vi.** Citativo. Os EV lexicais são abordados em Squartini (2008), o qual afirma que o estudo destas pode ajudar grandemente no desenvolvimento da pesquisa da EV como categoria gramatical.

Os sistemas de EV diferem em suas formas de manifestação: muitas línguas apenas possuem marcador para EV indireta, enquanto outras distinguem gramaticalmente EV direta e indireta. Em casos mais raros, os dados obtidos visualmente são contrastados com os dados obtidos através da audição ou olfato, ou através de qualquer outro tipo de EV inferencial. Também há registros de ocorrência da EV de boatos, a qual indica que a declaração é parte de uma história ou mito. Existem vários tipos menores de EV que só ocorrem em uma ou duas línguas. Por exemplo, Kwakiutl¹⁰ possui um tipo de EV indireta que mostra que a informação da proposição veio ao falante em um sonho, trata-se de um subtipo da EV de boatos.

As EV podem, ou não, adquirir significados secundários de confiabilidade, probabilidade e possibilidade (o que já chamamos de ME). Ou seja, a fonte de informação marcando uma categoria gramatical não implica qualquer referência à validade ou confiabilidade de conhecimento ou informação (conforme Hassler 2002: 157 ou Hoff, 1986). As categorias não-evidenciais podem frequentemente adquirir uma extensão de evidencial, por exemplo: uma forma verbal pode desenvolver um significado de evidencial como um efeito

⁷ Língua falada no Canadá, na Columbia Britânica, pelo povo Tsimishan.

⁸ Língua extinta originalmente falada no Oregon – Estados Unidos.

⁹ Também conhecida como Nuuchah-nulth, é uma comunidade reconhecida pelo governo canadense, e a língua Nuuchah-nulth é reconhecida como uma língua individual pelo Conselho do Patrimônio, Linguagem e Cultura do Primeiro Povo.

¹⁰ Comunidade localizada na província da Columbia Britânica, ao norte da ilha de Vancouver e continente adjacente.

colateral sem ter fonte de informação como seu principal significado. É o caso dos exemplos (1) e (2) da língua portuguesa, que não possui esse fenômeno gramaticalizado e expressa a EV através de estratégias como a predicação da sentença a um verbo que expresse o sentido utilizado para a obtenção da informação.

- (1) É possível que neve amanhã.
- (2) Talvez neve amanhã.

Por não expressar a fonte da informação contida na proposição, (1) admite questionamento para justificativas evidenciais, ao passo que o enunciado em (2), pelo fato do falante ser a própria fonte da informação, não admite questionamentos acerca de evidências. As extensões de EV são distintas dos próprios evidenciais, cujo principal - e não raramente exclusivo - significado é fonte de informação.

4. Evidencialidade, miratividade e extensões mirativas

A miratividade é uma categoria cujo principal significado está relacionado à “mente despreparada”, novas informações e surpresa do falante, estando conceitualmente relacionada com a EV, embora façam parte de categorias distintas. Trata-se de qualquer informação que não foi obtida de maneira direta, visual ou presencial, e que se estende para cobrir um sentimento de surpresa e estranhamento diante da proposição (chamadas “miratividade” por DeLancey, 1997).

Toda língua tem alguma maneira de expressar o que é novo e inesperado para o falante ou para o ouvinte, e de indicar surpresa. Isso não significa que toda língua tenha uma miratividade gramaticalizada. As EV podem ter significados mirativos como parte de suas extensões semânticas (cf. Zeisler 2000: 73). No entanto, nenhuma EV tem a miratividade como seu significado principal (de acordo com Lazard, 1999). Extensões mirativas são típicas de EV indireta e inferidas, nas quais seu significado acompanha um certo grau de “falta de controle” por parte do falante. Uma extensão mirativa de uma EV pode ser mais fraca ou mais forte, dependendo da língua. Como observado por Valenzuela (2003: 48), os usos de miratividade de EV assumidas são fortemente dependentes do contexto; assim como em outras línguas com grandes sistemas de EV e rica morfologia verbal, uma variedade de outros meios serve para

expressar surpresa, se necessário. Extensões mirativas podem ser limitadas a alguns contextos fixos. Em Quechua¹¹, estes são encontrados em enigmas e em construções de desafio.

Evidenciais podem não ter extensões mirativas; outros meios podem ser usados para expressar os significados de mente despreparada e subsequente surpresa. Extensões mirativas podem ser independentes de qualquer outra categoria. Este é o caso em Abkhaz¹², Khanty do Norte, Tsakhur e Turco¹³. Alternativamente, uma extensão mirativa pode surgir no contexto de uma escolha particular de pessoa, aspecto/tempo ou classe verbal. Se uma extensão mirativa depende da pessoa, é provável que ela se desenvolva no contexto de participantes em primeira pessoa. Vários caminhos semânticos interconectados dão origem a leituras mirativas de EV. O primeiro caminho é representado da seguinte forma:

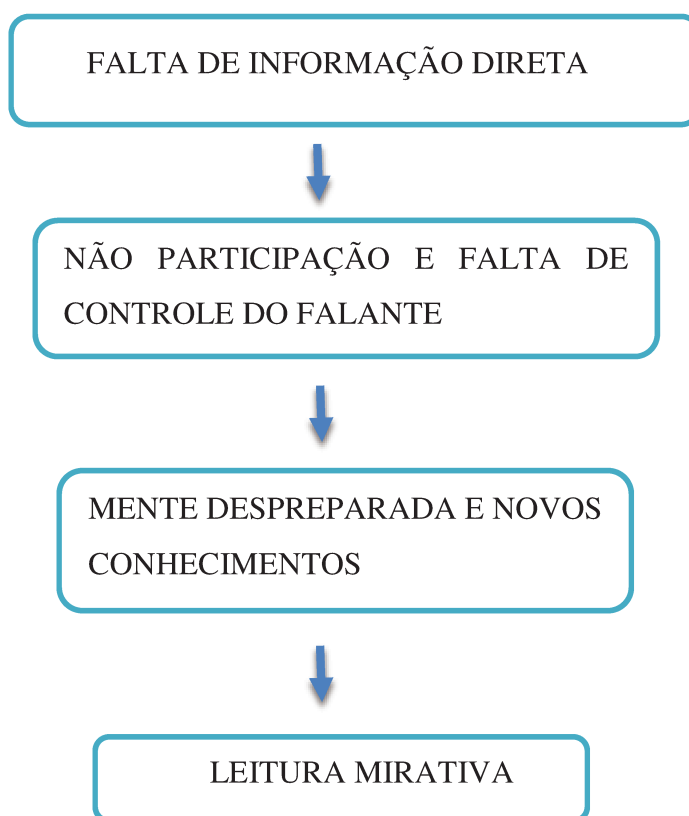


Tabela 6. Caminho semântico para leitura mirativa conforme Aikhenvald (2004).

As nuances de miratividade são frequentemente interconectadas com a falta de controle do falante e a falta de consciência do que está acontecendo. Em (3) temos um trecho

¹¹ Língua falada no Peru.

¹² Língua falada na região da Abkhazia, costa do Mar Negro.

¹³ Língua falada na Turquia.

do conto “A mulher onça”, no qual o marido não possuía conhecimento sobre o poder sobrenatural de sua esposa em se transformar em onça. Um certo dia, durante um passeio, ela decide caçar uma ema e ele presencia sua metamorfose. Note como a proposição atinge todas as fases do caminho semântico, citado acima, para obter uma leitura de extensão mirativa da palavra funcional de EVI *atone*:

(3) Kadiwéu

oda	noGonenodete	icoa	atone	yotaneGe	nexa	ikete	ica
CONJ	chegando a ele	CLFN	EVIMIR	falava	só	mostrou	CLFN
apakanigo	oda	jiGigotibece	pida	jaGadowa	me	iwalo	pida
ema	CONJ	foram embora	CONJ	já era	COMP	mulher	CONJ
anaGa	dotaGa	diniwoloaditedibece					
ainda não	fala	pensando					
‘E ela chegou até o marido, não falava nada, só mostrava a ema, e foram embora, mas ela já era mulher e passando várias vezes a mão no rosto e no corpo’.							

Um caminho semântico alternativo é mostrado no esquema (8):

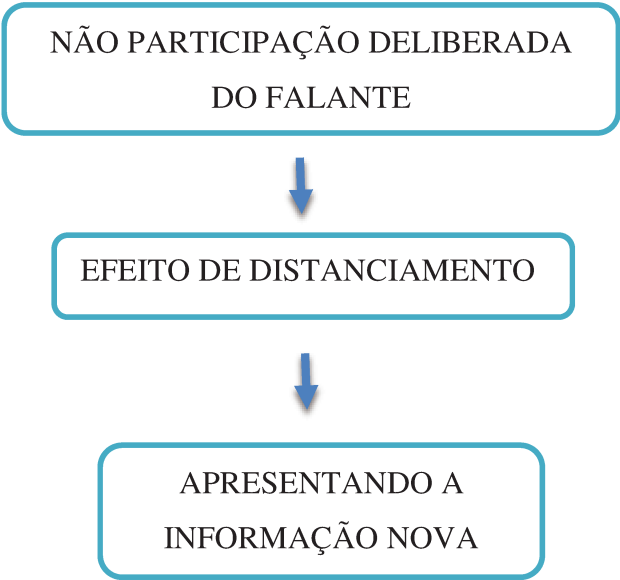


Tabela 7. Caminho semântico alternativo para leitura mirativa conforme Aikhenvald (2004).

A não participação deliberada do falante faz parte da semântica de algumas EV inferidas, como em Tsafiki¹⁴:

(4) Tsafiki

ya man-to=ka **ji-e**
 3P outro-EARTH=LOC ir-DECL:**VISUAL**
 ‘Ele foi para Santo Domingo’

Um efeito deliberado de distanciamento de uma EV inferencial (EVINF) cria a possibilidade de apresentar informação como nova e, portanto, surpreendente. Os caminhos apresentados nas tabelas (6) e (7) são interconectados: a principal diferença entre eles é se o falante exerce ou não o distanciamento deliberado ou a não participação.

A escolha da EV depende da fonte de informação. Na língua Kham¹⁵, em (5) Olívia esteve presente no local e pôde visualizar os fatos que lhe causaram surpresa, e em (6) não ocorre o mesmo sentimento de mente despreparada, uma vez que ela ouviu o ocorrido. Esses exemplos demonstram independência de EV e miratividade como categorias gramaticais separadas:

(5) Kham

Oli yaru-si ma-weni-kade-ka du-ka-**mhe** du-a-**ka**
 Oli coisas-NPOSS NEG-pagar-NEG-SEQ 3SGF-ver-**MIR** 3SGF-AUX-**REC.P.VIS**
 ‘Olívia ficou surpreendida com as coisas sendo baratas’ (lit. Olívia, as coisas sendo baratas, ficaram surpresas).

(6) Kham

nu-ka-mhe nu-a-**mahka** na-ĩtu-nipe-nuku
 1SG-ver-MIR 1SG-dizer-**REC.P.NON.VIS** 3PL-roubar-NOMN-TOP.NON.A/S
 ‘Fiquei desagradavelmente surpreso com o roubo’ (que ouvi, mas não pude ver)

¹⁴ Língua falada na província de Santo Domingo de los Tsáchilas: área da capital provincial do Equador.

¹⁵ Língua falada no estado de Kachin: distrito de Putao e área de Myitkyina; Região de Sagaing: norte.

Vimos neste capítulo que qualquer EV pode adquirir extensões mirativas. Essas extensões são uma característica frequente da forma de EV indireta em sistemas pequenos e EV inferidas em sistemas maiores. A correlação emergente é intuitivamente correta: o conhecimento novo e inesperado parece estar interconectado com algo sobre o qual se faz inferências, mas que não testemunhou ou dificilmente está sob controle. Por outro lado, conhecimento novo e inesperado também pode ser adquirido visualmente ou como experiência direta. Isto é, inferência ou qualquer outra fonte de informação não é necessariamente a motivação subjacente para a miratividade como uma categoria separada (ver WATTERS, 2002: 228).

5. Diferenças entre as categorias gramaticais de modo, modalidade e evidencialidade

A sobreposição de uma modalidade a uma EV não anula uma ou outra categoria, ambas possuem características específicas e precisam ser observadas de maneira atenta para receber a conceituação adequada. Linguisticamente, EV, modalidade (relativo ao grau de certeza "com que se diz algo", segundo Matthews 1997: 228), e modo (relativo a um ato de fala) são categorias totalmente distintas. Nesses casos é importante determinar o significado primário para cada um deles em termos internos da linguagem. As formas pelas quais as extensões semânticas evidenciais se sobrepõem com modalidades, e significados como probabilidade ou possibilidade, dependem do sistema individual e da semântica de cada termo evidencial individual.

A EV é uma categoria por direito próprio, e não uma subcategoria de qualquer modalidade (ver De Haan 1999; Lazard 1999; 2001; e DeLancey 2001, e estudos de línguas individuais, por exemplo, Skribnik 1998: 205-6), ou de aspecto/tempo. Os estudiosos tendem a assumir que os evidenciais são modais, em grande parte, devido à sua ausência na maioria das principais línguas europeias, tentando assim explicar uma categoria incomum em termos de outra noção mais convencional, conforme o fazem Bybee (1985), Palmer (1986), Van Der Auwera e Plungian (1997). Os proponentes de tais visões quase nunca fornecem qualquer justificativa para o tratamento das EV, simplesmente assumem que os evidenciais são modais (veja também Dahl 1985: 148, 190).

Palmer (1986:51) define a EV como uma indicação do nível de compromisso do falante com a verdade da proposição sendo expressa, acrescentando que "seria um exercício inútil tentar decidir se um sistema particular (ou mesmo um termo em um sistema em alguns casos) é evidencial em vez de um julgamento ". Da mesma forma, para Frajzyngier (1985:250),

parece bastante óbvio que as diferentes maneiras de adquirir conhecimento correspondem a diferentes graus de certeza sobre a verdade da proposição. De acordo com Trask (1999: 189), "a modalidade desaparece imperceptivelmente em várias outras categorias", uma das quais se diz que é uma EV.

Esses evidenciais podem ter extensões semânticas relacionadas à probabilidade e a avaliação do falante da confiabilidade da informação, isso não faz da EV um tipo de modalidade. Modo, modalidade, tempo, pronomes, nominalizações e cláusulas complementares podem desenvolver nuances similares para a mesma característica semântica de EV. O modo é, segundo Lyons (1977), uma categoria que, geralmente, se realiza por meio da flexão do verbo ou por meio de auxiliares. Trata-se de uma categoria que serve para marcar, gramaticalmente, a atitude do falante em relação ao status factual do que se está dizendo, isto é, sua certeza e ênfase, sua incerteza ou dúvida. Para Lyons (1997), as frases declarativas são classificadas como não-marcadas com relação ao modo, ou seja, são afirmações neutras do falante em relação aquilo que está sendo falado na sentença. Diferentemente das frases declarativas, as frases imperativas são aquelas que expressam ordens ou instruções e são centradas na 2ª pessoa do discurso. O que muitos linguistas questionam, no tocante aos tipos de frases (declarativas, imperativas e interrogativas) e ao modo de conjugação das formas verbais, é se modo e modalidade correspondem a mesma categoria ou se são categorias distintas, sendo, pois, codificadas de formas diferentes pelas línguas.

Trask (2006, p. 196) assinala que o modo expressa o grau ou o tipo de realidade que se atribui a um enunciado, ao passo que a modalidade está associada à expressão de obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade. Trata-se de uma classificação que muito se assemelha à de Lyons. Além disso, segundo Palmer (1986), a categoria modo tende a ser expressa por meio da flexão verbal, enquanto a modalidade pode ser marcada na língua a partir de outros recursos gramaticais ou lexicais. Em algumas línguas, como Yukaghir e Ngiyambaa, o evidencial pode ser compatível com a modo irrealis. Isso não torna a EV parte do sistema de modo, pois nessas línguas a categoria de modo difere da categoria de EV em diversas propriedades (incluindo a forma de interação de cada uma com a pessoa). Embora possa nem sempre ser óbvio, a EV pode ser expressa através de verbos modais.

Por outro lado, para Bhat (1999), a categoria de modo é dividida em três subclasses e está relacionada à atualização do evento. Segundo o autor, as línguas utilizam três diferentes parâmetros para marcar as distinções modais: **i. Julgamento:** o falante pode considerar o evento real ou irreal, imaginário ou hipotético, certo ou incerto; **ii. Evidência:** o falante pode usar diferentes bases evidenciais para especificar a realidade do evento, bem como presenciar, ter

tido notícias por terceiros da realização de algum evento, ou mesmo ter inferido; **iii. Necessidade/obrigação:** são os diferentes graus de obrigatoriedade externa ou interna que forçam o evento a se realizar de alguma forma. Os parâmetros de modalidade de Bhat (1999) são próximos à escala de modalidade de Lyons (1979). A diferença, conforme a autora, é que Bhat divide a categoria de modo em: **i.** Atualidade (realis/irrealis); **ii.** Modalidade (capacidade/obrigação/intenção); e **iii.** Evidência. Enquanto Lyons separa o modo (realis/irrealis e interrogativo/imperativo) da modalidade (desejo/intenção, necessidade/obrigação, certeza/possibilidade).

Palmer (1986), por sua vez, ao invés de falar de uma categoria de modo, prefere falar de uma categoria de modalidade, que se divide em modo, na qual se encontram as distinções entre realis e irrealis (que são representadas nas gramáticas das línguas pelas distinções entre indicativo, imperativo e subjuntivo), e o sistema modal, que se subdivide em: **i.** Epistêmica (julgamento) e evidencialidade (sensorial e reportativo); **ii.** Deôntica (obrigação e permissão); **iii.** Pressuposição (irrealis) negativo (irrealis), desejos e medos, etc.

Considerando as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz, elas constituem atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionalizadas. As modalidades tradicionalmente reconhecidas – as aléticas, ontológicas ou aristotélicas – referem-se ao eixo da existência, ou seja, determinam o valor da verdade de proposições. São, pois, extensionalmente motivadas, por dizerem respeito à verdade de estados de coisas.

Aristóteles já havia advertido que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros já que, muitas vezes, se formulam como necessariamente ou possivelmente verdadeiros. Assim, a possibilidade e a necessidade modificam o sentido da simples verdade e, como estão intimamente relacionadas entre si, podem ser definidas uma a partir da outra, com a ajuda da negação. Como existem duas formas de negação - a interna, que nega a proposição; e a externa, que nega o operador modal -, o sistema de modalidade trabalha diretamente com as noções de possibilidade e de necessidade, tendo em foco as línguas naturais. Dessa forma, podemos dividir essa categoria em dois subgrupos: **i. Modalidade deôntica:** definida no eixo da conduta e orientada para o agente, relaciona-se com a necessidade ou possibilidade de atos executados por agentes moralmente responsáveis, associando-se às funções sociais de permissão e obrigação; **ii. Modalidade epistêmica:** definida no eixo do conhecimento e orientada para o falante, relaciona-se com a possibilidade ou necessidade da

verdade da proposição, envolvendo conhecimento e crença; **iii. Modalidade alética:** refere-se ao eixo da existência e se preocupa com a determinação do valor de verdade dos enunciados. Seu caráter filosófico, e pouco comum na língua usual, acarretou-lhe valor periférico em relação à análise do funcionamento das modalidades nas línguas naturais.

Em Palmer (1986), temos a distinção de três categorias para modalidade: **i. Modalidade Epistêmica:** qualquer sistema modal que indique o grau de comprometimento do falante com a proposição. Pode ser subdividido em: **a. Julgamentos:** proposição afirmada com dúvida, na condição de hipótese; **b. Evidências:** proposição afirmada com relativa segurança e que exigem ou admitem justificativas evidenciais; **ii. Modalidade Deontica:** refere-se ao sistema modal que contém um elemento de vontade e envolve a ação do falante ou de outra pessoa, orientada para o agente; **iii. Modalidade Dinâmica:** relaciona-se à capacidade/habilidade ou disposição do sujeito, não mantendo nenhuma relação com expressão de opinião ou atitude do falante. Na contramão de Lyons e Hengeveld, o pesquisador Nuyts (1993) afirma que toda qualificação modal está baseada em uma evidência, em menor ou maior grau. Sendo assim, EV é uma dimensão semântico-pragmática e cognitivamente superior à modalidade epistemológica. Em outras palavras, na gramaticalização da EV, pode haver estágios de sobreposição dessas duas estruturas conceituais.

A consideração de que a sentença é organizada simultaneamente como mensagem e como evento de interação parece ser a chave para o equacionamento funcional das modalidades. Admitindo, como tantos outros, que “as diferentes distinções semânticas geralmente classificadas sob o nome de ‘modalidade’ não parecem representar uma categoria semântica única e coerente”, Hengeveld (1988, p. 233) se esquivou de apresentar uma definição geral para essa categoria. Inspirado pelas ideias de Lyons (1977, caps. 15 e 16), Hengeveld estabelece distinções entre três tipos diferentes de modalidade, a saber: **i. Inerente;** **ii. Objetiva;** **iii. Epistemológica.** A modalidade inerente é definida como ‘todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode caracterizar a relação entre um participante em um estado de coisa e a realização potencial desse estado de coisa’ (Hengeveld, 1988, p. 233). Por meio dessa modalidade são expressas as relações de habilidade e volição. A modalidade objetiva é definida como ‘todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode avaliar a realidade de um estado de coisa em termos de seu conhecimento dos estados de coisas possíveis’ (1988, p. 234). Finalmente, a modalidade epistemológica foi definida como ‘todos aqueles meios linguísticos pelos quais o falante pode expressar seu comprometimento em relação à verdade da proposição’ (1988, p. 234). Considerando que o grau de comprometimento do falante com relação à verdade

do conteúdo da proposição que ele apresenta para ser considerado está diretamente relacionado à origem da informação contida na predicação.

Para a subdivisão da modalização do eixo do conhecimento, além da função e do nível de estruturação da sentença, um outro critério é considerado: a fonte da informação a partir da qual o falante faz sua avaliação. Observa-se que Lyons (1977) e Palmer (1986) também consideraram a fonte da informação como critério classificatório, embora não haja uma equivalência entre os subtipos de modalidade estabelecidos. Hengeveld (1988), entretanto, procura atrelar a distinção entre as modalidades subjetiva e objetiva à classe de palavras que expressa cada uma dessas modalidades, considerando que os advérbios modais sempre dão expressão à modalidade subjetiva e os adjetivos modais, à modalidade objetiva. Essa mesma opinião foi defendida também por Bellert (1977), para quem os advérbios modais qualificam a verdade da proposição expressa no enunciado em que eles ocorrem e os adjetivos modais qualificam o estado de coisa referido pelo enunciado, sendo parte da proposição expressa pelo enunciado. Lang, em seu trabalho de 1979 (apud Nuyt, 1993), considera que os adjetivos modais pertencem à proposição e fazem referência a um elemento do mundo, enquanto os advérbios modais não fazem parte do significado proposicional, mas expressam a atitude do falante em relação à proposição.

Ao discutir a relação entre modalidade e EV, Nuyts questiona a distinção entre modalidade objetiva e modalidade subjetiva estabelecida por Lyons (1977) e Hengeveld (1988). Segundo Nuyts (1993, p.946), todo julgamento modal está baseado em uma evidência, o que pode variar é a qualidade da evidência que se tem. Nuyts considera, portanto, que a EV é uma dimensão semântica hierarquicamente superior à modalidade. Desse modo, a fonte da evidência passa a ter importância fundamental para a distinção entre modalidade subjetiva e objetiva. Se o falante sugere que apenas ele conhece ou teve acesso à evidência a partir da qual conclui, ele assume uma responsabilidade estritamente pessoal para a qualificação modal. Por outro lado, se o falante sugere que a evidência é conhecida ou acessível a um grupo de pessoas que chegam todas à mesma conclusão e entre as quais se inclui o ouvinte, ele assume uma responsabilidade partilhada com todos aqueles que tiveram acesso à evidência a partir da qual se estabeleceu a conclusão.

A proposta de Nuyts coloca em questão a relação entre EV e ME. Duas tendências podem ser distinguidas na consideração dessa questão. A primeira, que considera os evidenciais como um tipo de modalizador epistêmico, pode ser representada pelo trabalho de Palmer (1986, p.151), para quem:

O termo epistêmico deveria ser aplicado não só aos sistemas modais que envolvem basicamente as noções de possibilidade e necessidade, mas a qualquer sistema modal que indique o grau de comprometimento do falante com relação ao que ele fala. Em particular, ele deveria incluir evidenciais tais como rumor [*hearsay*] ou relato [*report*] ou a evidência dos sentidos.

Segundo Palmer, uma das formas de o falante indicar o seu (des)comprometimento com a verdade da proposição é a indicação das evidências por meio das quais ele fez seu julgamento. Considerando que as evidências estão claramente relacionadas ao conhecimento e à crença dos falantes, Palmer considera insensato negar-lhes o rótulo de epistêmico. A mesma postura é assumida por Givón (1982), Hengeveld (1988; 1989) e por Bybee & Fleischman (1995, p.4), ao considerar que a ME pode ser vista como superpondo, ou mesmo englobando, outra categoria gramatical, principalmente a EV.

A segunda tendência, que considera a qualificação evidencial como determinadora da qualificação epistêmica, é representada pelo trabalho de Nuyts discutido acima. Para esse autor, todo julgamento modal está baseado em uma evidência; o que pode variar é a qualidade da evidência que se tem. Ainda nessa obra, Nuyts afirma que o fato de as categorias de modalidade epistêmica e EV aparecerem fundida nos trabalhos de Palmer, Hengeveld e outros, representa uma etapa já distante, uma vez que essas categorias constituem duas dimensões semânticas diferentes: **i.** A qualificação epistêmica ou a avaliação do falante sobre a probabilidade de um estado de coisa; **ii.** A qualificação evidencial ou a avaliação do falante sobre a natureza ou a qualidade da fonte de sua evidência.

Como se observa, para vários autores, os limites entre as categorias de modo, modalidade e EV não são muito bem definidos, o que, para nós, está, em parte, relacionado ao modelo teórico de descrição, que nem sempre dispõe de um sistema gramatical organizado. Este capítulo é importante para esclarecer definitivamente que a categoria de EV não é um subgrupo de qualquer outra categoria gramatical. Não focamos em conceituar as categorias de modo e modalidade na língua indígena Kadiwéu, apenas optamos por expor as várias definições e contrastá-las com a categoria em questão no presente trabalho.

6. Análise do *corpus*

Uma vez que temos em mente os conceitos básicos da categoria gramatical EV, miratividade e compreendemos como a extensão mirativa se manifesta, agora iremos observar as principais ocorrências encontradas em nosso *corpus*. Para isso, iremos retomar a tabela (4), a qual foi sistematicamente elaborada para demonstrar esse fenômeno na língua indígena

Kadiwéu. Por fim, dividimos as ocorrências conforme as categorias apresentadas na tabela abaixo e explicamos a motivação de cada uma delas.

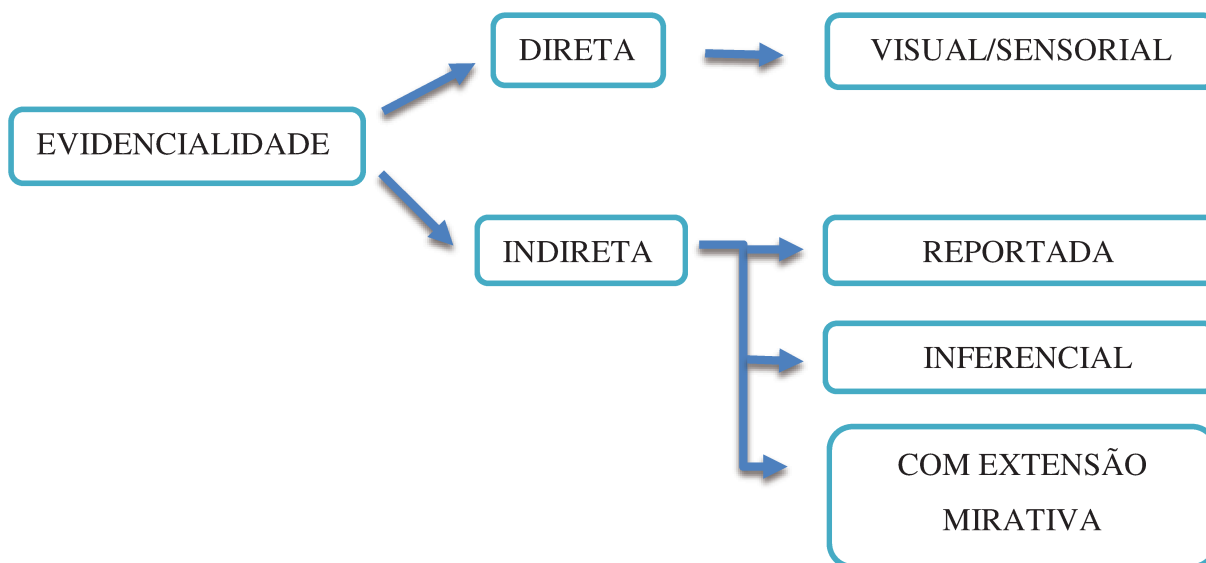


Tabela 4. Proposta de sistematização da categoria de evidencialidade baseada em Willet (1988) e Aikhenvald (2004).

Apesar do espaço dedicado à EV direta em nossa tabela, não iremos trabalhar tal categoria pois, além da língua Kadiwéu codificar informações obtidas de maneira visual/sensorial por meio da marcação zero, ou por meio de outras categorias gramaticais, o nosso tempo é curto para desenvolver uma pesquisa tão importante. Enquanto isso, EVIREP e EVINF, as quais podem se manifestar por meio das palavras funcionais *one* e *aona*, possuem diferença relacionada à maneira pela qual o falante adquiriu a informação – repassada por um falante ou inferida de maneira lógica, respectivamente - e a presença ou ausência da negação na proposição. Já a EVI com extensão mirativa é codificada pela palavra funcional *atone* e utilizada para especificar mente despreparada diante da informação repassada. Vejamos, na tabela (9), um recorte mais detalhado da sistematização anterior:



Tabela 8. Proposta de sistematização das palavras funcionais de evidencialidade em Kadiwéu.

Isto posto, é relevante reafirmar que toda EV fornece a fonte de informação. A forma como ela é adquirida - ao ver, ouvir ou através de qualquer outro meio - é o seu principal significado. Nas palavras de Hardman (1986: 121), a marcação da fonte do dado e as categorias concomitantes não são funções de verdade ou falsidade. O valor de verdade de um enunciado não é afetado por uma EV. E, de fato, uma EV pode ter um valor em si mesmo. Pode ser negado e questionado, sem negar ou questionar a própria proposição. Ao contrário da maioria das outras categorias gramaticais, a fonte de informação pode ser marcada mais de uma vez em uma cláusula, refletindo o mesmo observador ou observadores diferentes, percebendo a informação através de diferentes caminhos compatíveis. No entanto, marcar a fonte de informação como categoria gramatical não implica qualquer referência à validade ou confiabilidade do conhecimento ou da proposição. Nem a EV linguística tem qualquer relação direta com a verdade, ou responsabilidade, e muito menos com a relevância contida na sentença.

Passamos agora à inter-relação entre EV direta e indireta: se uma língua tem EV direta gramaticalizada, ela também possui EV indireta gramaticalizada. Pragmaticamente, o raciocínio parece ser que as declarações feitas pelo falante são assumidas para transmitir EV diretas, por esse motivo temos uma maior frequência de ocorrências indiretas, pois este é o membro marcado da oposição. Devemos lembrar que não necessariamente ter EV indireta gramaticalizada implica a gramaticalização da EV direta, como veremos que é o caso (7) em Kadiwéu, língua na qual apenas a EV indireta apresenta-se como categoria gramatical:

(7) História do capitão

oda	one	onatopetedigi	pida	aGaca	gatooje	ane	naligo
CONJ	EVIREP	atiraram nele	CONJ	nenhuma	munição	RLTV	o feriu

‘Então atiraram nele mas nenhuma munição o atingiu’.

Somente em um pequeno número de línguas, como a língua Hixkaryana¹⁶ (Derbyshire, 1979, p. 144) e em Andoke¹⁷ (Landaburu, 1979), a ausência de uma EV indireta que faz de uma expressão uma EV direta. Em outras palavras, a EV direta em Hixkaryana e Andoke é marcada com um morfema zero. Apesar de não termos feito testes e comprovado, acreditamos que em Kadiwéu ocorre de maneira semelhante.

¹⁶ Pertencente à família Carib, está localizada nos estados do Pará e Amazonas.

¹⁷ Língua isolada localizada no Amazonas: afluente Aduche de Caquetá, 15 km rio abaixo de Araracuara.

6.1. Evidencialidade Indireta Reportada (EVIREP)

Trata-se da informação repassada por alguém que presenciou o evento de fala ou que já recebeu essa informação por meio de outro falante. A EVIREP é a mais recorrente na língua Kadiwéu e busca demonstrar exclusivamente que o falante não obteve conhecimento sobre o evento de maneira presencial ou por meio de seus sentidos. Essa categoria pode se manifestar por meio da palavra funcional *one*, conforme os exemplos de (8) a (11), em que temos sentenças afirmativas cujo objetivo é apenas pontuar que a informação contida na proposição foi reportada por outro falante. Em casos de sentenças negativas, como em (12) e (13), ainda com o mesmo significado de informação reportada, temos o uso de *ona* para codificar EVIREP.

Em (8) temos um trecho do *Conto da enchente*, o qual narra os desafios que o povo Kadiwéu enfrentava nos períodos de forte chuva e alagamento. Neste exemplo é reportado como os antepassados faziam para atravessar os rios com seu material de caça.

(8) Conto da enchente

oda	niGica	jotigida	one	onigiti	aca	ewacogo	oda
CONJ	CLFN	antigamente	EVIREP	costurava	CLFN	couro	CONJ

jaGada	tige	liwatece	iwaGa	ica	Godoigi	ica	jodigide
faziam	ficaram	canoa	caça	CLFN	antes	CLFN	antigamente

‘E antigamente faziam um tipo de canoa, era um couro costurado, para carregar o material até o outro lado’.

Da mesma forma, em (9) temos a presença da palavra funcional *one* codificando o papel do narrador como indivíduo responsável por reportar um fato ocorrido. No conto *Jovem Exabigo I*, o protagonista pede para que sua esposa se esconda enquanto ele luta contra os *enimiGa*¹⁸, e reapareça ao ouvir o assovio do esposo.

(9) Jovem Exabigo I

one	ee	nige	emaGa	jotokotagawa	oda	ja	jopilaGa
EVIREP	disse	CT	eu mesmo	assoviar	CONJ	ADV	vamos embora

‘Quando eu mesmo assoviar então já vamos embora’.

O conto mítico em (10) relata a crença do povo Kadiwéu acerca da criação de todas as etnias. Neste trecho, temos Deus pedindo para que um pássaro cuide da cesta em que ele carrega a humanidade.

¹⁸ Comunidade inimiga dos Kadiwéu conforme mitologia conhecida.

(10) Conto da criação

one eete idaGida idoda GadaxaceneGeni
EVIREP ele afirmou este mesmo este simples seu cantar compassado
 ‘Ele disse: esse mesmo, esse seu cantar simples compassado’.

Nas sentenças (11) e (12), as quais foram extraídas do mesmo conto fantástico *A mulher onça*, no entanto, é necessário pontuar o uso de duas palavras funcionais diferentes. Em (11) temos o narrador reportando o período em que os fatos ocorreram, trata-se de um caso semelhante aos exemplos anteriores em que a EV é responsável por indicar a fonte da informação. Em (12), no entanto, temos um EVIREP com carga semântica de negação, ou seja, *aona* é responsável por negar o dado contido na sentença, além de indicar a origem pela qual a proposição foi obtida.

(11) A mulher onça

one yoxoGonoko
EVIREP meio dia
 ‘Era meio dia’

(12) A mulher onça

aonaGa alati acoa iwalo
EVIREPNEG-? mudou CLFN mulher
 ‘E ele disse para ela mudar de lugar várias vezes, mas a mulher não mudou’.

Da mesma forma, em (13) temos a ocorrência de *aona* para reportar que o protagonista não sentia tranquilidade diante da morte de seu amigo. Temos um evidencial indireto reportado com carga semântica de negação no início da sentença:

(13) O Neegi

aona aGalee ica lita icoatigilo nokododi
EVIREPNEG NEG CLFN sua tranquilidade naqueles dias
 ‘E não sentia mais tranquilidade naqueles dias’.

5.2. Evidencialidade Indireta Inferencial (EVINF)

Neste ponto a análise começa a se afunilar, uma vez que a EVINF possui menor número de ocorrências e depende do contexto semântico para ser classificada. Em (14) podemos perceber que a primeira ocorrência de EVI trata-se da categoria de inferencial, uma vez que a dedução mais lógica é que o homem Kadiwéu seja de fato um guerreiro, levando em consideração todo seu histórico de disputas e conquistas. Na sequência da mesma proposição, temos novamente a presença de *one*, mas agora tratando-se de um EVI reportado, uma vez que

a narrativa está apenas apresentando o guerreiro e o EV está cumprindo a função de demonstrar que o narrador não é a fonte primária desta informação:

(14) História do capitão

icoa	Goneleegiwa	ejiwajegi	one	GodapoaGeneGegi	miniwa	me
CLFN	homem	Kadiwéu	EVINF	guerreiro	este	COMP
GodapoaGeneGegi	one	agelexaGa	joanida	leeGodi	mida	
guerreiro	EVIREP	barrigudo	era	por isso	que era	

ica libonaGadi me adecewatece
 CLFN chamado COMP coitada da minha canoa
 ‘O homem Kadiwéu é guerreiro, este era barrigudo e por isso era chamado de coitada da minha canoa’.

Também por questões lógicas, e biológicas, sabemos que o gado é mais forte do que o cavalo. Por esse motivo, em (15), os bois são utilizados no período de enchente para carregar a carga, evitando, dessa forma, que o animal fique atolado nas áreas de alagamento.

(15) Conto da enchente

oda	ica	waca	baGa	one	yoniciwadi	aliciagi	apolicaGanaGa
CONJ	CLFN	gado	T	EVINF	é forte	não é igual	cavalo

eliodi loyaGagi
 muita carga
 ‘E o gado carregava mais carga, era mais forte do que o cavalo’.

As ocorrências (16) e (17) reafirmam o caráter inferencial da categoria EVINF. Após o retorno da esposa à aldeia, o pai de Exabigo decide procurar o filho na mata. Em (16), Mosquito Cheio encontra o filho sentado ao pé de uma árvore e deduz que ele esteja vivo devido à sua posição. Em (17) o raciocínio lógico repousa sobre o fato do Exabigo não possuir nenhum ferimento em suas costas, encarando os inimigos de frente sem jamais recuar.

(16) Jovem Exabigo I

one	ee	icoa	Gonodo	itimina	GodapoaGena	ionigi	caleGiniwa
EVINF	disse	CLFN	mosquito	cheio	nosso guerreiro	meu filho	ainda vive

‘Disse o Mosquito Cheio: nosso guerreiro ainda vive’.

(17) Jovem Exabigo I

oda	one	ee	ionigi	ica	mele	ica	Gabakedi	aGica	ica
CONJ	EVINF	disse	meu filho	CLFN	muito bom	CLFN	seu trabalho	sem	CLFN
daGa	inoke	me	idele	taGa	awi	iboliGa	daGa	ideitiGi	GadelaGa
NEG	fracassar	COMP	lutou	talvez	faria	vergonha	NEG	ferido	nas suas costas

‘Então disse: meu filho, muito bom este seu trabalho, lutou sem fracassar, você me daria vergonha se tivesse ferido nas costas’.

No exemplo (18) do *Conto da criação*, Deus não encontra o povo Kadiwéu e infere que eles ainda estejam no mesmo cesto do qual ele retirou todos os outros povos:

(18) Conto da criação

one aneote anaiditibige ica noigi ejawajegi jaaGaGa yowe
EVINF fez o que estava faltando CLFN povo Kadiwéu de repente ele fez

ijigo jiwi mida begi migaleGica me jakapetege
 eu vou ver este buraco se ainda tem outro COMP eu encontrar
 ‘Faltava o povo kadiwéu, de repente ele falou: vou ver este buraco se ainda tem outros para encontrar’.

De forma semelhante, no conto da mulher onça temos, em (19) e (20), o uso da EVINF para traduzir seu conceito de informação obtida por meio de dedução, raciocínio lógico ou pistas que fazem com que o falante infira uma informação. Em (19) o marido infere que a esposa não sabe que ele viu sua transmutação e a questiona para obter mais informações. Enquanto em (20), o marido orienta os colegas a matar a esposa, pois ele acredita que ela é a onça e irá ataca-los.

(19) Conto da mulher onça

one icoa lodawa igrime GanimawenaGegi ica me elowati ica
EVINF CLFN marido WADV como conseguiu CLFN COMP você matou CLFN

ica nokanice daGa naitece ijo ijeGagi
 CLFN fingindo NEG ter visto CLFN bicho
 ‘E ele perguntou: mas como você conseguiu matar a ema? Ele fingindo não ter visto a onça’.

(20) Conto da mulher onça

icoa lodawa oda yowogoditeda **one** ee jaGanaGanowa
 CLFN marido CONJ sabia **EVINF** afirmar ela mesma

GoniotaGodo onexa anidakitalo ina baGa anigidedigi
 nossa senhora apenas cuidado D T joguem certamente

adegica ane yelowadi
 CONJ RLTV ela mata

‘O marido disse: é ela mesmo, cuidado, jogue as flechas para acertar, senão ela mata um de nós’.

Em (21), no conto *Caçada do servo*, o guerreiro decide seguir o grupo que havia saído para caçar. Sua decisão é baseada na dedução temporal de que seria possível alcança-los:

(21) Caçada do servo

oda	one	icoa	lodawa	ecepaGejigo	jigalatece	niGanigipi	nige
CONJ	EVINF	CLFN	marido	resolvo ir	seguindo	meninada	CT

jiwidatiogi

alcançar eles

‘E ele resolveu ir dizendo: vou ver se consigo alcançar eles’.

5.3. Evidencialidade Indireta com Extensão Mirativa (EVIMIR)

Essa ocorrência foi a mais difícil de compreender em nosso corpus. Trata-se de uma categoria com uma extensão de significado de outra, na qual a fonte de informação além de ser não presencial e visual, também não é esperada por aquele que a recebe. O ouvinte adquire a informação com extensão mirativa com reação de contra expectativa, uma vez que a proposição vai na “contramão” do que o falante esperava ou acreditava. Esta categoria ocorre exclusivamente por meio do morfema livre *atone*¹⁹ e possui uma recorrência bastante baixa no corpus utilizado.

Se uma extensão mirativa depende da pessoa, é provável que ela se desenvolva no contexto de participantes em primeira pessoa. Os verbos particularmente suscetíveis a extensões mirativas cobrem estados mentais e físicos, ou estados resultantes que o falante não pode controlar. Veja o exemplo (22):

(22) Conto da mulher onça

oda	noGonenodete	icoa	atone	yotaneGe	nexa	ikete	ica
CONJ	chegando a ele	CLFN	EVIMIR	falava	só	mostrou	CLFN

apakanigo	oda	jiGigotibece	pida	jaGadowa	me	iwalo	pida
ema	CONJ	foram embora	CONJ	já era	COMP	mulher	CONJ

anaGa	dotaGa	diniwoloaditedibece
ainda não	fala	pensando

‘E ela chegou até o marido, não falava nada, só mostrava a ema, e foram embora, mas ela já era mulher e passando várias vezes a mão no rosto e no corpo’.

Em linhas semelhantes, em Kalasha²⁰ (Dardic: Bashir 1988: 48 - 54) a distinção feita entre EV direta e indireta com um agente de primeira pessoa "dá uma sensação de ação

¹⁹ Apesar de ser uma subcategoria da EVI, esta palavra funcional é a única capaz de codificar a extensão de miratividade. Por esse motivo não iremos nos ater à diferenciação entre informação reportada ou inferencial. Mas certamente é algo que merece estudos mais aprofundados.

²⁰ Língua falada no Paquistão, província de Khyber Pakhtunkhwa: distrito sul de Chitral, vale de Urtsun (dialeto do sul de Kalasha); Vales de Birir, Bumburet e Rumbur (dialeto do norte de Kalasha).

inconsciente ou inadvertida" (Bashir 1988: 53 - 54) e a seguir o sentido de surpresa. E no chinês Pidgin, a EV indireta com a primeira pessoa descreve "uma reação relativamente espontânea a um evento novo, saliente, muitas vezes surpreendente" (Nichols 1986: 248). Uma EV direta pode adquirir uma extensão mirativa independentemente da escolha no sistema de aspecto/tempo, como em (23) e (24) no norte de Khanty²¹:

(23) Norte de Khanty (passado):

śi	xot-ən	wer-lə-ŋən	pa	xōti	ul-lən	kurte-t
então	casa-3DU	fazer-PRES-3DU	e	então	polo-3DU	ferro-PL

ul-**m**-el

ser-NONFIRSTH.PAST-3SG

‘Então eles estão fazendo a casa e os pólos acabaram por ser de ferro’

(24) Norte de Khanty (presente):

takan	wōjəmp- t -ew
profundamente	dormir-NONFIRSTH.PRES-1PL

‘(Aparentemente) nós dormimos profundamente’

Uma extensão mirativa pode ser restrita a apenas uma escolha no sistema de EV/tempo. Em Jarawara²², apenas o passado imediato com EV direta tem uma extensão mirativa. Em (25), Okomobi pediu uma xícara de uma bebida a base de cana, quando tomou percebeu que era água. A surpresa que ele experienciou foi codificada da seguinte maneira:

(25) Jarawara

Okomobi	faha	hi-fa- hani	ama-ke
Okomobi	água	OC-beber- IMM.P.NONFIRSTH.F	EXT-DECL.F

‘Okomobi (para sua surpresa) bebeu água’

²¹ Língua falada no distrito autônomo de Khanty-Mansi; Província de Tomsk; Distrito autônomo de Yamalo-Nenets; ao longo do rio Ob.

²² Língua falada no estado do Amazonas: Jarauara; Município de Lábrea; Área do rio Banawá.

Uma extensão mirativa pode ser limitada a apenas uma subclasse semântica de verbos. Em Yukaghir²³, falar sobre propriedades internas, como ser inteligente ou ruim, tem que se basear em alguma manifestação visível. Se essa propriedade for reconhecida pelo falante pela primeira vez como informações novas e surpreendentes, a EV indireta é usada. Se uma propriedade foi previamente estabelecida, a forma direta é apropriada. O exemplo (26) vem de uma história sobre a primeira expedição de caça do falante. Seu irmão mais velho, que o supervisionava, faz uma declaração encorajadora logo após a conclusão da caça (Maslova 2003: 229).

(26) Yukaghir

qal'it'e o:-l'el-d'ek
 melhor caçador COP-NONFIRSTH-INTR:2SG
 'Você provou ser um verdadeiro caçador! '

Como ele já afirmou que o falante é um verdadeiro caçador, em (27) a EV direta é apropriada por marcar o conhecimento estabelecido e, nas palavras de DeLancey, "mente preparada". Esta diferença entre direta e indireta é semelhante à existente entre conhecimento novo e não integrado e conhecimento antigo.

(27) Yukaghir

qal'it'e o:-d'ek
 melhor caçador COP+FIRSTH-INTR:2SG
 'Você é um verdadeiro caçador! '

A EV indireta é susceptível de ter extensão mirativa mesmo quando a língua já possui um sistema gramaticalizado para a categoria de miratividade. Em Tsakhur²⁴ (Tatevosov e Maisak 1999a: 232-3), a EV direta pode adquirir uma extensão mirativa se algo acontecer ao contrário da expectativa do falante, lhe causando desconforto. Como no exemplo (28), no qual o falante disse a seu filho que não fosse a um casamento e o garoto não acatou a ordem. O falante não esperava que seu filho fosse desobedecer e disse:

²³ Língua falada na província de Magadan: no alto condado de Kolyma, Nelemnoye e Zyryanka.

²⁴ Língua falada no Azerbaijão, nos distritos de Qax e Zaqatala.

(28) Tsakhur

ru	šā-qa	ulq̄-a	wo=r
você.1	está-ALL	1.ir-IMPF	ser=1(NONFIRSTH)

‘Então você ainda está indo lá!’

A extensão de miratividade conectada à EV indireta também pode ocorrer em línguas que não possui o sistema de miratividade gramaticalizado. Em Kadiwéu, a ocorrência de EV indireta com extensão mirativa (EVIMIR) é um pouco mais rara e traduz o sentimento de uma informação adquirida por meio de um falante que não presenciou o evento, além da contra expectativa típica da categoria de miratividade. Em (29), temos uma informação inesperada e bastante incomum expressa por meio da palavra funcional *atone*. Este exemplo faz parte do conto *O Kadiwéu se cuida*, no qual não é permitido que a mulher coma raspas queimadas de arroz (popularmente conhecido como “rapa”) no período de lactação, ou então ela terá a infeliz surpresa de não produzir mais leite para alimentar o recém-nascido.

(29) Kadiwéu

atone	eo	lotiido ica	iwalo
EVIMIR	faz	leite CLFN	mulher

‘Diz que a mulher não dá leite’.

A EV inferida em Qiang²⁵ muitas vezes se refere a informações novas e surpreendentes. Esse sentido mirativo é primário se a afirmação se refere a um estado ou ao resultado de uma ação, como em (30). Se for uma ação, o sentido de EV inferencial (EVINF) é primário, como em (31):

(30) Qiang

the:	ɛtɛimi	zdzi-k!
3SG	coração	doente-MIR

‘Ele é infeliz!’

(31) Qiang

oh,	the:	zbə	zete-k-u
oh,	3SG	tambor	tocar-MIR-INFRVIS

‘Oh, ele estava tocando um tambor!’

²⁵ Língua falada na China, na província de Sichuan: condados de Li e Wenchuan; Condado de South Mao.

De maneira parecida com Kadiwéu, a forma mais perfeita do espanhol La Paz é frequentemente usada para indicar que o falante não viu a ação acontecer - ele a inferiu de alguma evidência ou a ouviu de outra pessoa. Essa categoria também pode ser usada para indicar a surpresa de um interlocutor ao encontrar algo sem perceber. O significado desta forma é que o evento ocorreu no passado com relação ao presente ou no passado com relação ao momento em que o falante toma conhecimento do evento. “O falante não tinha consciência pessoal do evento até depois da sua ocorrência ” (Laprade 1981: 223).

Observe que em (32) o narrador conta as dificuldades de ir caçar nos períodos de enchente. Com os rios transbordando e as terras alagadas, é muito comum que qualquer animal fique atolado durante a travessia. No entanto, o gado é um animal extremamente forte e supera essa expectativa negativa, conseguindo transpassar as regiões inundadas. Esse sentimento de surpresa e mente despreparada é traduzido da seguinte maneira:

(32) Conto da enchente

oda	nixigitita	anigadi	aca	naGaGaxi	nadegita	daato	me
CONJ	puxando para	algo	CLFN	vasilha	levava para	outro lado	COMP
nalokotita	oda	joniGidaGee	ica	GodewiGa	ina	me	limedi ica
nadando	CONJ	era assim	CLFN	nossa vida	D	COMP	época CLFN
niyoGodi	aGaGa	limedi ica	niyoGodi	eneGegi	jaxotaGateloco		
água	também	época CLFN	água	muito	montamos		
ica	waca	atone	naxi				
CLFN	gado	EVIMIR	atolava				

‘Então puxando a nado levava para outro lado a vasilha com a caça, era assim a nossa caça no tempo de água, também neste tempo de enchente usava o gado para montaria, pois não atolava’.

Por fim, no conto *O Kadiwéu se cuida*, temos em (33) a proibição de comer pâncreas de vaca, pois este alimento impossibilita o guerreiro de mergulhar nos rios e se esconder de possíveis ataques. Sendo uma prática comum de camuflagem, não se espera que o indivíduo não seja capaz de afundar na água, por isso ocorre a marcação de extensão de miratividade.

(33) O Kadiwéu se cuida

atone(o)	me	jomololaGati	niGina	me	iweniti
EVIMIR-?	COMP	nós afundarmos	D	COMP	você mergulha
ica	oko				
CLFN	pessoa				

‘Porque não deixa afundar quando a pessoa mergulha’.

7. Conclusão

Acreditamos que este trabalho possui relevância pelo fato de que o estudo da diversidade linguística é de elevada importância para as ciências humanas. Ao estudar as línguas do mundo, descrevendo-as e analisando-as, podemos classificá-las, descrevê-las e estabelecer universais linguísticos. O baixo índice de trabalhos com línguas indígenas, principalmente no que se refere à categoria gramatical de EV, também justifica e fortalece a necessidade de execução deste trabalho, uma vez que a descrição desta categoria linguística permitirá a elaboração de generalizações e o estabelecimento de relações entre as línguas. Ademais, no que se refere ao caráter social deste trabalho, os resultados das pesquisas feitas com línguas indígenas justificam-se por estas constituírem um registro das relações entre língua e cultura, relação essa tão cara para a linguística, bem como por servirem de patrimônio para a história linguística dos povos estudados, uma vez que, segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), 25% das línguas do mundo correm risco crítico de extinção.

Sendo assim, o presente trabalho teve como principal objetivo fornecer um estudo descritivo sobre a categoria de EV na língua Kadiwéu. No primeiro momento, introduzimos o assunto apresentando autores bastante difundidos e elencando estudos desenvolvidos sobre a língua Kadiwéu. Em seguida apresentamos a plataforma *Tycho Brahe*, onde estão armazenados todos os contos que compõe o *corpus* utilizado em nossa análise. Também fizemos um levantamento amplo sobre as literaturas linguísticas que versam sobre a categoria gramatical de EV, buscando apresentar o tema e criar um ambiente propício para a discussão dos nossos dados. Com o mesmo objetivo didático, descrevemos a categoria de miratividade e como a extensão mirativa pode ocorrer dentro da EV. Também fizemos um apanhado buscando diferenciar modo, modalidade e EV, com o único objetivo de reafirmar que EV é uma categoria autônoma e com características próprias. Finalmente redigimos a análise dos dados, discriminando evidencialidade indireta reportada (EVIREP), evidencialidade indireta inferencial (EVINF) e evidencialidade indireta com extensão mirativa (EVIMIR), e exemplificamos cada uma dessas categorias. Por fim, faz-se importante pontuar que reunimos todas as ocorrências de nosso *corpus* na sessão Apêndice, essa organização foi necessária para que a análise não ficasse sobrecarregada de exemplos. Além disso, organizamos todas as frases em ordem de aparição nos contos, para que o leitor possa compreender a narrativa e observar a manifestação de EV.

No presente trabalho assumimos EV como uma categoria independente e que tem como função principal fornecer a fonte da informação contida na proposição. Apesar da proximidade com a ME, a categoria de EV não possui nenhum comprometimento com a veracidade da informação repassada na proposição. Também consideramos a miratividade como categoria cujo principal significado está relacionado à mente despreparada, novas informações e surpresa do falante, estando conceitualmente relacionada com a EV, embora façam parte de categorias distintas. E comprovamos que extensões mirativas são típicas de EV indireta e inferidas, nas quais seu significado acompanha um certo grau de "falta de controle" por parte do falante.

Por fim, dentro de um total de doze contos que compõem nosso *corpus* (disponíveis no TBC, cujo link encontra-se na nota de rodapé 5 deste trabalho), observamos a frequência de cento e sessenta e duas manifestações da palavra funcional *one*, oito aparições de *aona* e apenas quatro ocorrências de *atone*, totalizando cento e setenta e quatro proposições nas quais há a codificação da fonte de informação. O elevado número de exemplos com *one* reafirma o que já dissemos anteriormente: as declarações feitas pelo falante são assumidas para transmitir EV diretas, por esse motivo temos uma maior frequência de ocorrências indiretas, pois este é o membro marcado da oposição. A palavra funcional *aona* apresenta-se apenas em casos em que há negação na proposição, recurso pouco frequente no gênero narrativo conto. E com o menor índice, temos a extensão mirativa codificada por meio de *atone*, comprovando nossa hipótese de que esse fenômeno possui maior afinidade com EV indireta, reportada ou inferida, e com verbos capazes de cobrir estados mentais e físicos, ou estados resultantes na falta de controle do falante.

8. Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004. (Oxford Linguistics).
- BASHIR, E. Inferentiality in Kalasha and Khowar. **Papers from the 24th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, 1988.
- BELLERT, L. On semantic and distributional properties of sentential adverbs. **Linguistic Inquiry**, v.8, p. 337-51, 1977.
- BHAT, D. N. S. **Prominence of tense, aspect and mood**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- BOAS, F. **Handbook of American Indian Languages**. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology Bulletin, 1911.
- BRAGGIO, Silvia. **Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, SP.: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1981.
- BULLOCK, A., STALLYBRASS, O. **The Fontana Dictionary of Modern Thought**. London: Fontana/Collins, 1988.
- BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.) **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- CHAFE, W. Evidentiality in English conversation and academic writing. In:_____. **Evidentiality: The linguistic coding of epistemology**. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.) **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- CINQUE, G. **Adverbs and functional heads**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DAHL, O. **Tense and Aspect Systems**. Oxford: Blackwell, 1985.
- DE HAAN, F. Evidentiality and epistemic modality: setting boundaries. In: **Southwest Journal of Linguistics**. v. 18. 1999.
- DELANCEY, S. Mirativity: The grammatical marking of unexpected information. **Linguistic Typology**, 1997.
- _____. The mirative and evidentiality. **Journal of Pragmatics**, 2001.

DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. Introduction: Evidentiality and related notions. **Journal of Pragmatics** 33: 339 – 48, 2001.

DERBYSHIRE, D.C. **Hixkaryana**. Amsterdam: North Holland, 1979.

DERBYSHIRE, D.C. **Hixkaryana**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1985.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1989.

DIK, S. **The theory of functional grammar: Part II: Complex and derived constructions**. N.York: Mouton de Gruyter, 1997.

FALLER, M. **Semantics and Pragmatics of Evidentials in Cuzco Quéchua**. 2002. Dissertação (Ph. D.) Stanford University, California

FRAJZYNGIER, Z. **Truth and the indicative sentence**. Studies in Language, 1985.

GARRET, E. J. Evidentiality and assertion in Tibetan. Ph.D. dissertation. University of California, Los Angeles, 2001.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. London: Academic Press, 1979.

_____. Evidentiality and epistemic space. **Studies in Language**, v.1, n. 6, p. 23-49, 1982.

GRIFFITHS, Glyn. Numerals and demonstratives in Kadiwéu. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**. nºI. p. 63-67. Rio de Janeiro, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, 1973.

GRIFFITHS, G; GRIFFITHS, C. Aspectos da língua Kadiwéu. **Série Lingüística**. nº 6. Summer Institute of Linguistics: Brasília, 1976.

_____. **Relative Clause Formation and other Word Parameters in Kadiwéu**. Dissertação de mestrado. Reading University, 1987.

_____. **Wh-movement in Kadiwéu**. Tese de doutorado. Reading University, 1991.

_____. **Dicionário da língua Kadiwéu: Kadiwéu – Português; Português - Kadiwéu**. Cuiabá, MT: SIL, 2002.

_____. **Aspectos da Língua Kadiwéu**. Cuiabá, MT: SIL, 2006. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/KDGram.pdf>. Última data de acesso: 18/05/2018.

GUENTCHÉVA, Z. **L'Énonciation médiatisée**. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1996.

HARDMAN, M. J. Datasource marking in the Jaqi languages. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.) **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, NJ: Ablex, p. 113-136, 1986.

HASSLER, G. **Evidentiality and reported speech in Romance languages**. In Guldemann and von Roncador (eds), 2002.

HENGEVELD, K. illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. J. Semantics, v.S, 1988.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar**. OUP, 2008.

HEWITT, B. G. **Georgian Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HOFF, B. Evidentiality in Carib. **Lingua** 69, 1986.

IZVORSKI, R. The present perfect as an epistemic modal. SALT 7, 1997.

JAKE, J., CHUQUIN, C. Validational suffixes in Imbabura Quechua. **Papers from the Fifteenth Regional Meeting Chicago Linguistic Society**, 1979.

JAKOBSON, R. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. Cambridge: Harvard University, 1957.

_____. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. In R. Jakobson, Selected writings. Vol II. The Hague: Mouton, 1971.

KRATZER, A. Modality In: VON STECHOW AND WUNDERLICH (eds.). **An International Handbook of Contemporary Research** , 639-650 . Berlin: de Gruyter, 1991.

LANDABURU, J. **La langue des Andoke (Amazonie colombienne)**. Paris, 1979.

LAPRADE, R. A. **Some cases of Aymara influence on La Paz Spanish**. In Hardman (eds.), 1981.

LAZARD, G. L'inférenciel ou passé distancié en Persan. **Studia Iranica**, 1985.

_____. Mirativity, evidentiality, mediativity, or other?. **Linguistic Typology**, 1999.

_____. On the grammaticalization of evidentiality. **Journal of Pragmatic**, 2001.

LYONS, J. **Semantics 2**. Cambridge: University Press, 1977.

MASLOVA, E. **Evidentiality in Yukaghir**. In Aikhenvald and Dixon (eds.), 2003.

MATTHEWS, P.H. **The Concise Oxford Dictionary of Linguistic**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

MATTHEWSON, L.; DAVIS, H.; RULLMAN, H. **Evidentials as epistemics modals: Evidence from St'at'imcets**. 2007. The Linguistic Variation Yearbook 7.

Nevins, Andrew Ira ; SANDALO, Filomena . **Markedness and morphotactics in Kadiwéu** [+participant] agreement. Morphology (dordrecht), v. 21, p. 351-378, 2011.

- NICHOLS, J. **The bottom line: Chinese Pidgin Russian**. In Chafe and Nichols (eds.), 1986.
- NUCKOLLS, J B. The semantics of certainty in Quechua and its implications for a cultural epistemology, **Language in Society** 22: 235 – 55, 1993.
- NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, p. 933-69, 1993
- PALMER, F.R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANDALO, F. **A Grammar of Kadiwéu**. Tese de doutorado. Department of Linguistics. University of Pittsburgh, 1996.
- _____. A Violação da Condição C em Kadiwéu. **Delta**, São Paulo, v. 18, n.1, p. 25-66, 2002.
- _____. **Entoação e fonologia prosódica no quadro da teoria da otimalidade: kadiwéu e português brasileiro**. Letras de Hoje, PUCRS, v. 4, p. 89-106, 2003.
- _____. Syntactic ergativity and person hierarchy in Kadiwéu. **Revista da ABRALIN**, v. 3, n.1 e 2, p. 177-194, 2004.
- _____. Person Hierarchy and Inverse Voice in Kadiwéu. **Liames (UNICAMP)**, v. 09, p. 27-40, 2011.
- _____. Nem eu, nem você e nem ele: o morfema relacional em hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto no Kadiwéu. **DELTA**, v. 30, p. 645-658, 2014.
- _____; MICHELIOUDAKIS, DIMITRIS . Classifiers and Plurality: evidence from a deictic classifier language. **Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication**, v. 11, p. 1-40, 2016.
- _____; Sena, Ticiania ; VERONESI, L. . Annotating a polyssynthetic language: From Portuguese to Kadiwéu. **CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (UNICAMP)**, v. 59, p. 631, 2017.
- _____. Uma nota sobre medir e contar com palavras emprestadas do português no kadiwéu. **LINGÜÍSTICA (RIO DE JANEIRO)**, v. 13, p. 110, 2018.
- SAPIR, E. Takelma. In F. Boas (ed), **Handbook of American Indian Languages**, part 2. Washington: Government Printing Office, 1922.
- SOUZA, L. M. A. de. **Descrição da fala masculina e da fala feminina na língua Kadiwéu**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.
- SQUARTINI, Mario. **Lexical vs gramatical evidentiality in French and Italian**. *Linguistic*, 2008.
- SWADESH, M. Nootka internal syntax. **International Journal of American Linguistic**, 1939.

TATESOV, S. G., MAISAK, T. A. **Formy realjnogo naklonenija**. (Forms of realis mood), in Kibrik and Testelec (eds.), 1999.

TRASK, R. L. **Key Concepts in Language and Linguistics**. London and New York: Routledge, 1999.

_____. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

VALENZUELA, P. **Evidentiality in Shipibo-Konibo, with a comparative overview of the category in Panoan**. In Aikhenvald and Dixon (eds.), 2003.

VAN DER AUWERA, J.; PLUNGIAN, V. On modality's semantic map. **Linguistic typology**, v.2, p. 79-124, 1997.

WATTERS. D. E. **A Grammar of Kham**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WILLETT, T. A cross – linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. In: **Studies of Language**. v. 12, fascículo 1. 1988.

ZEISLER, C. F. Narrative conventions in Tibetan languages: The issue of mirativity. **Linguistic of the Tibeto-Burman area**, 2000.

9. Apêndice

(1). História do capitão

icoa Goneleegiwa ejiwajegi **one** GodapoaGeneGegi miniwa me
CLFN homem Kadiwéu **EVINF** guerreiro este COMP

GodapoaGeneGigi **one** agelexaGa joanida leeGodi mida
guerreiro **EVIREP** barrigudo era por isso que era

ica libonaGadi me adecewatece
CLFN chamado COMP coitada da minha canoa
'O homem Kadiwéu é guerreiro, este era barrigudo e por isso era chamado de coitada da minha canoa'.

(2). História do capitão

pida **one** yediiGa miniwa me nideleGicajo jonaGa node
CONJ **EVINF** rápido este COMP brigador quando convidou

icoa lokaGetedi icoa Goneleegiwadi inaGinoa GodapoGenaGa
CLFN seus amigos CLFN homens igual valentes

miGotibece oideleGe gaxiana
ir brigar entre paraguaios
'Mas ele era um lutador rápido, ele convidou os seus amigos, também valentes, para brigar contra os paraguaios'.

(3). História do capitão

niGica naGa igoteloco ica liwiGadi **one** eniditediogi icoa
CLFN CT encilhado CLFN seu animal **EVIREP** chamou CLFN

niodaGawa icoa lokaGetedi
soldados CLFN seus amigos
'Quando seu animal já estava encilhado disse para seus companheiros:'

(4). História do capitão

oda **one** onatopedidigi pida aGaca gatooje ane naligo
CONJ **EVIREP** atiraram nele CONJ nenhuma munição RLTV o feriu
'Então atiraram nele mas nenhuma munição o atingiu'.

(5). História do capitão

oda **one** metediogi akaami yokaGetedipi ja limedi me eniGa
CONJ **EVIREP** disse para ele 2.PRO meus amigos ADV tempo COMP irmos

inaxacoGoti inopitenaGa gaxiana
dar pauladas flechadas paraguaio

‘Ele disse: meus amigos, já é tempo de ir com pauladas e flechadas contra os paraguaio’.

(6). Conto da enchente

oda	niGica	jotigida	one	onigiti	aca	ewacogo	oda
CONJ	CLFN	antigamente	EVIREP	costurava	CLFN	couro	CONJ

jaGada	tige	liwatece	iwaGa	ica	Godoigi	ica
faziam	ficaram	canoa	caça	CLFN	antes	CLFN

jodigide
antigamente

‘E antigamente faziam um tipo de canoa, era um couro costurado, pra carregar o material até o outro lado’.

(7). Conto da enchente

oda	naGadi	onini	ica	oko	ane	ixigii	baGa	waloko	idi
CONJ	nesta	canoa	CLFN	povo	RLTV	puxava	T	nadando	D

oko	oda	ixigitita	naGadi	daato	idatibece	one
povo	CONJ	puxava	este	outro lado	às vezes	EVIREP

oyexatinigi niganigipawanigi catinedi
transportava criança dentro

‘Então esta canoa era puxada por pessoas nadando até o outro lado, às vezes transportava criança dentro’.

(8). Conto da enchente

oda	nixigitita	anigadi	aca	naGaGaxi	nadegita	daato	me
CONJ	puxando para	algo	CLFN	vasilha	levava para	outro lado	COMP

nalokotita	oda	joniGidaGee	ica	GodewiGa	ina	me	limedi	ica
nadando	CONJ	era assim	CLFN	nossa vida	D	COMP	época	CLFN

niyoGodi	aGaGa	limedi	ica	niyoGodi	eneGegi
água	também	épocas	CLFN	água	muito

jaxotaGateloco	ica	waca	atone	naxi
montamos	CLFN	gado	EVIMIR	atolava

‘Então puxando a nado levava para outro lado a vasilha com a caça, era assim a nossa caça no tempo de água, também neste tempo de enchente usava o gado para montaria, pois não atolava’.

(9). Conto da enchente

oda	ica	waca	baGa	one	yoniciwadi	aliciagi	apolicaGanaGa
CONJ	CLFN	gado	T	EVINF	é forte	não é igual	cavalo

eliodi loyaGagi
muita carga

‘E o gado carregava mais carga, era mais forte do que o cavalo’.

(10). Jovem Exabigo I

icowa exabigo onaniwa acowa lodawa pida **one**
D exabigo tinha sua esposa CONJ **EVIREP**
agopelowa **one** iGolagadi
safada **EVIREP** o traía

‘O Exabigo tinha uma esposa, mas era safada e o traía’.

(11). Jovem Exabigo I

Exabigo jona dinilakidetetege ica eliododipi medaGa igoteda
Exabigo T combinou CLFN pais que não ia

me witidaGa pida acowa lodava oniniwa icowa eledi lokaGedi
COMP guerra CONJ D esposa tinha um ADJ amante

one noGolaGataGodi Exabigo
EVIREP traiu Exabigo

‘Exabigo já combinou com os pais que não ia para a guerra, mas a esposa tinha um amante e traía o Exabigo’.

(12). Jovem Exabigo I

naGa **one** naditece icowa lokaGedi migo oda jaGaGa yema
CT **EVIREP** viu passando D amigo indo CONJ já também quis

me igo pida ja leegitece ijo lixigaGawepodi
COMP ir CONJ ADV longe CLFN companheiros
‘Quando a esposa viu passando o seu amante para ir à guerra, então também quis ir, mas os companheiros já estavam longe’.

(13). Jovem Exabigo I

one ee Exabigo aGejigo jeGeitiogi eiododipi
EVIREP disse Exabigo não vou já prometi para meus pais

medaGa ejigo coda ja legitece aGalee jiwidaGa
que não vou CONJ ADV longe jamais alcançaremos
‘Exabigo disse: não posso ir, já prometi para meus pais que não vou, e já estão longe, jamais alcançaremos’.

(14). Jovem Exabigo I

pida acoa lodawa **one** idioca limedi me etedibige ina
CONJ CLFN esposa **EVINF** dá sempre tempo COMP falava D

ina midatibece ina me nadi ica ewecaGanaGa me yema
D alguns D COMP via CLFN ewecaGanaGa COMP queria

me daiyoGo yema ica liagigi
COMP chupar queria CLFN polpa

‘Mas a esposa dizia: sempre dá tempo. Sempre que via um ewecaGanaGa, queria chupar sua polpa’.

(15). Jovem Exabigo I

one ee Exabigo ja Gocidi owoGoti anodaGee ja
EVINF disse Exabigo ADV é tarde você sabe como é ADV

limedi me noditice enimaGa
hora COMP sair enimaGa

‘Disse Exabigo: já é tarde, você sabe que já é hora de sair os enimaGa’.

(16). Jovem Exabigo I

one ee acoa iwalo epaGawita iagigi atetaGa
EVIREP disse CLFN mulher está tudo bem minha polpa tomara não

leegi aagenteloco oda jigi coda icoda liagigi
demore faça rápido CONJ já CONJ terei sua polpa

‘E ela disse: está tudo bem, faça rápido e então já terei a polpa’.

(17). Jovem Exabigo I

one ee Exabigo enice jakagidi naGa nixigitedice ica
EVIREP disse Exabigo vou cortar CT desembanhou CLFN

lodajo aniGiticeGegi jonaGa yakagidi ica eyawiGo
sua faca aniGiticeGegi já cortou CLFN coqueiro

‘Exabigo disse: vou cortar. Então desembanhou a sua faca aniGiticeGegi afiada e cortou o coqueiro’.

(18). Jovem Exabigo I

one eete acoa lodawa oleetibece nagodo diganagawini
EVINF ele afirmou CLFN sua esposa fique atenta coitada você vai ver

natigidawanigi jiGicaGica joGonotoGowa
daqui a pouco eles por aqui vão chegar a nós

‘Ele disse para sua esposa: fique atenta minha coitada, você vai ver, daqui há pouco eles já vão chegar’.

(19). Jovem Exabigo I

aoniGica eledi lowoGo **one** eete acoa lodawa
EVIREPNEG-ter outro pensamento **EVINF** ele afirmou CLFN sua esposa

nagodo itinowa Godidelogawepodi
coitada estão vindo os nossos adversários

‘Não teve outro pensamento, ele disse para a sua esposa: minha coitada estão vindo os inimigos’.

(20). Jovem Exabigo I

one ee nige emaGa jotokotagawa oda ja jopilaGa
EVIREP 1.PRO CT eu mesmo assoviar CONJ ADV vamos embora
 ‘Quando eu mesmo assoviar então já vamos embora’.

(21). Jovem Exabigo I

one eliodi ica nenigodi ica enimaGa **one** domaGa
EVIREP muitos CLFN mortos CLFN enimaGa **EVIREP** quase muitas
 onopitedi pida otononaliGo
 flechadas CONJ não acertava
 ‘Ele lutou bastante e matou muitos enimaGa, e não foi ferido pelas flechas’.

(22). Jovem Exabigo I

one ee icoa Exabigo aGaleGacoa yaxokowa joGoyelowadi
EVINF disse CLFN Exabigo não estava minha velha já mataram
 natigide ayakadi doGotida loigiwepodi idokida me jidele
 ADV ele procura não ser rebaixado familiares vou ter COMP lutar
 ‘Disse Exabigo: não estava minha velha, já mataram, não posso ser rebaixado pelos familiares dela, vou ter que lutar até a morte’.

(23). Jovem Exabigo I

one icoa Exabigo **one** inixigitice aca latena naGa yatetigi
EVINF CLFN Exabigo **EVIREP** puxou CLFN flauta CT tocou
 oda jona dopitio ica enimaGa aca latena onediitigi ica ica
 CONJ T voltaram CLFN enimaGa CLFN som significava CLFN CLFN
 lidelaGawepodi me yema me didele nigepa yeleo
 inimigos COMP queria COMP lutar até morrer
 ‘O Exabigo puxou a flauta e tocou, então já voltaram os enimaGa porque o som significava que queria lutar até morrer’.

(24). Jovem Exabigo I

pida naGajowa lodawa me elodi aoneGewote libodigi
 CONJ CLFN sua esposa COMP correu **EVIREPNEG-?** aviso
 ‘Mas a sua esposa tinha fugido sem avisá-lo’.

(25). Jovem Exabigo I

oda niGida natematigo GodiGaxi nogonicotedicoGi liGeladi acoa
 CONJ a história nos ensina ela partiu para sua casa CLFN

iwalo **one** eete ica eliododipi jaladi didele
mulher **EVIREP** ele afirmou CLFN pais larguei lutando
'Então a estória nos ensina que a mulher partiu para sua casa e disse para os seus pais: eu larguei
ele lutando e fugi'.

(26). Jovem Exabigo I

oda **one** ee icoa eliodi ejigo joletebige ionigi bidiGe
CONJ **EVIREP** 1.PRO CLFN pai eu vou procurar meu filho para que

jinadi meGe naGa yeleo migale ica liwai jakadi
eu veja que T morto ao menos CLFN pedaço dele eu acho
'Então disse o pai: eu vou procurar meu filho para que eu veja se está morto, ao menos um
pedaço dele eu acho'.

(27). Jovem Exabigo I

noGonigo ditigedi noGonenadi lioni **one** nicotedi
eles indo longe quando ele viu o filho **EVIREP** sentado
'Eles indo longe, avistaram o filho sentado'.

(28). Jovem Exabigo I

one ee icoa Gonodo itimina GodapoaGena ionigi
EVINF 1.PRO CLFN mosquito cheio nosso guerreiro meu filho

caleGiniwa
ainda vive
'Disse o Mosquito Cheio: nosso guerreiro ainda vive'.

(29). Jovem Exabigo I

one deitigi aca ligelee nopitena adi eledi lomakaja
EVIREP foi em CLFN sua barriga flecha CLFN ADJ sua coxa
'Foi a flecha na barriga e outra na coxa'.

(30). Jovem Exabigo I

oda one ee ionigi ica mele ica Gabakedi aGica
CONJ **EVIREP** 1.PRO meu filho CLFN muito bom CLFN seu trabalho sem

ica daGa inoke me idele taGa awi iboliGa daGa
CLFN que fracassar COMP lutou talvez faria vergonha se

ideitiGi GadelaGa
ferido nas suas costas
'Então disse: meu filho, muito bom este seu trabalho, lutou sem fracassar, você me daria
vergonha se tivesse ferido nas costas'.

(31). Jovem Exabigo I

aona aGalee yakadi daGa jogolaGatakanaGa otegexaGaGa
EVIREPNEG não mais podemos que trair nem tão pouco

jowaGa aneniGata ica Gododawa
fazer algo contra CLFN nossa esposa
'Não podemos trair, nem tão pouco fazer algo contra a nossa esposa'.

(32). Jovem Exabigo II

naGa **one** ixomaGatedijo itoatale nokododi monipaditege
T **EVIREP** passados dois dias não voltava

Exabigo

Exabigo

'Depois que passaram dois dias e Exabigo não voltava'.

(33). Jovem Exabigo II

noGoniGotibece idiotice ica naigi oyadegi ica nowonigi
e indo seguiram CLFN caminho levando CLFN barbante

one loja monilaGadi icoa laijedi icoa Exabigo
EVIREP para contar CLFN seus mortos CLFN Exabigo
'Eles foram e levaram barbante para contar os enimaGa mortos por Exabigo'.

(34). Jovem Exabigo II

one ee icoa Gonodo itimina eliodi Exabigo
EVIREP afirmou CLFN mosquito cheio pai Exabigo
'Afirmou o mosquito cheio, pai de Exabigo'.

(35). Jovem Exabigo II

oda noGonigotibece noGonototicogi **one** oniditece ica
CONJ foram quando encontraram **EVIREP** um CLFN

enimeGegi emeGegi
enimeGegi morto

'E foram, quando encontraram era mais um enimaGa'.

(36). Jovem Exabigo II

noGonigotibe oditece **one** icoa eliodi jeGeliodi jogowidi
foram seguindo **EVIREP** CLFN muitos já outros já muitos

ganioxoa laijedi pida eniGa jolegatibige ejinaGa ma
irmão de vocês seus mortos CONJ vamos procurar ele nós vemos morto
'E foram seguindo, e eram muitos os seus mortos, mas continuaram procurando'.

(37). Jovem Exabigo II

noGonigotibe naGanadite libatadi aca niale **one** icoa
foram ao avistar ele no pé de CLFN árvore **EVIREP** CLFN

Gonodo itimina ejinaGa inia Ganioxoatetiwaji
mosquito cheio disse o seu irmão

‘Foram e viram no pé da árvore, então o mosquito cheio disse: seu irmão’.

(38). Jovem Exabigo II

one	inagonitetiwaji	alitigi	emaGa	ejigo	jiwi	ionigi
EVIREP	fiquem	esperando	eu mesmo	vou	ver	meu filho

‘Disse o mosquito cheio: fiquem esperando, eu mesmo vou ver meu filho’.

(39). Jovem Exabigo II

one	editiogi	yema	me	jiwi	niGaca	likate	lelaga
EVIREP	falou	quero	COMP	ver	os	ferimentos	costas

jeGewote	iboliga	pida	nige	daGaca	likate	nige	etacilo
ele fará	vergonha	CONJ	T	não	ferimentos	T	ferido

ligetedeloco	baGa	cedidele	Ganioxoa	noGonicote	icoa	lionigi
barriga	T	que ele lutou	seu irmão	está sentado	CLFN	seu filho

‘Falou para eles: quero ver se está ferido nas costas, que será uma vergonha para mim. Mas não estava ferido nas costas e não tinha ferimento na barriga, seu filho estava sentado’.

(40). Jovem Exabigo II

one	iwi	lelaGa	aGaca	aca	likate	otegexaGaGa
EVIREP	viu	suas costas	também	CLFN	ferimentos	sem nenhum

elaciletawanigi	aGica	elacilete	adokada	aca	nopitena	lokodi
arranhãozinho	a não	ferimentos	somente	CLFN	flecha	joelho

‘Viu suas costas e sua barriga sem nenhum arranhãozinho, a não ser uma flecha que feriu seu joelho’.

(41). Jovem Exabigo II

oda	noGonicotedicogi	icoa	eliodi	naGa	nadi	madokada	aca	likate
CONJ	chegando	CLFN	muito	T	viu	que somente	CLFN	sua ferida

lokodi	oda	one	dacaGe	naGalekoka	dacaGiteda	one	nigedioGo
joelho	CONJ	EVIREP	gritou	foi então que	gritou	EVIREP	onça

liojigi	akami	iciagi	makami	GoneleGiwa	aGica	ane
seu filho	PRO	eu sou	como você	homem	sem	RLTV

ipoiteloco	iGona	coda	aGica	ane	idoita	niGida	mee
ninguém	pisa no meu pé	CONJ	não tem	RLTV	medo	este	COMP

‘Então viu seu ferimento somente no joelho, então gritou: Filho de onça, eu sou como você, ninguém pisa no meu pé e não tenho medo de ninguém’.

(42). Conto da criação

ica	jotigide	AneotedoGoji	maleka	ilidagiteda	ina	oko
CLFN	antigamente	Deus	começo	criou	D	gente

one enidita etolitoli
EVIREP chamou caburé
 ‘Deus, no começo, criou essa gente e chamou o Caburé’.

(43). Conto da criação

one eete damiida ica inoeneGegi
EVIREP ele afirmou qual CLFN meu canto
 ‘Ele disse: qual será o meu canto?’

(44). Conto da criação

one eete idaGida idoda GadaxaceneGegi
EVIREP ele afirmou este mesmo D seu cantar compassado
 ‘Ele disse: esse mesmo, esse seu cantar compassado’.

(45). Conto da criação

niGatibece ica ane wajibata oda **one** ewo ica layageGegi
 às vezes CLFN RLTV escutava CONJ **EVIREP** fazia CLFN seu barulho

toli toli toli

toli toli toli

‘Às vezes ele escutava barulho, então fazia seu barulho: toli toli toli’.

(46). Conto da criação

one eete iniwalo dagaleGaGa owenta yawate
EVIREP ele afirmou minha irmã podia cuidar minha neta
 ‘Ele disse: Minha irmã você podia cuidar da minha neta’.

(47). Conto da criação

oda **one** GopokonaGadi ameelinedi daataGa jowei amidoda
 CONJ **EVIREP** carão sim senhor vou cuidar barulho

icoda yayageGegi

este vou fazer

‘Então o carão falou: sim senhor, vou cuidar, qual barulho vou fazer?’

(48). Conto da criação

one diGanaGatibece jonaGa nipegi me yeloGotibigi idatibece
EVIREP cantando quando perto COMP amanhecendo às vezes

jona nakajaketinibece pida ayema ica me diote
 T pegava no sono CONJ não queria CLFN COMP dormir

‘Ele ficou cantando até perto do amanhecer, às vezes pegava no sono, mas não queria dormir’.

(49). Conto da criação

oda niGica naGa epanaGa doletibige me yeloGotibige **one**
 CONJ CLFN CT quase querendo COMP amanhecer **EVIREP**

naitege icoa itoatadiGida oko
 avistou CLFN três pessoas
 ‘Então quando estava quase amanhecendo, avistou três pessoas chegando na sua neta’.

(50). Conto da criação

one naitege icoa itoatadiGida oko
EVIREP avistou CLFN três pessoas
 ‘Avistou três pessoas’.

(51). Conto da criação

noGo enegepana nipegitiwace **one** naweloda
 quando chegando cada vez chegando mais próximo **EVIREP** assustou

GopokonaGadi coda ica layaGegi craw craw craw
 carão CONJ CLFN barulho craw craw craw
 ‘Quando estavam chegando cada vez mais próximo, o carão se assustou e fez o barulho craw craw’.

(52). Conto da criação

oda naGa yeloGotibige niGina AneotedoGoji jonaGa enote
 CONJ CT amanheceu D Deus quando chegou

one eete iniwalo iGamodaGe aGica daGa oitinege
EVIREP ele afirmou minha neta como tem passado este NEG mexeram

anida yawate
 esta minha neta
 ‘Então quando amanheceu, Deus chegou e disse: como tem passado minha neta, mexeram nela?’

(53). Conto da criação

one GopokonaGadi ane iGica ane etinege pida ja
EVIREP carão RLTV não RLTV mexeu CONJ ADV

jooGodi ane digeticogi icoa olicaGaGa
 sei RLTV viera CLFN ladrões
 ‘Disse o carão: não mexeu, mas já sei de onde vieram os ladrões’.

(54). Conto da criação

one eete igrade icoGotigi **one** GopokonaGadi mida
EVIREP ele afirmou WADV vieram **EVIREP** carão deste

begi
 buraco
 ‘Ele disse: de onde vieram? E o carão disse: deste buraco’.

(55). Conto da criação

oda noGo nigo AneotedoGoji naGa dalitenigi ica begi oda
 CONJ CT foram Deus CT olhou CLFN buraco CONJ

one Godaciloditio Godatobiditiogi ica catiwedi ica begi
EVIREP cabeças rostos CLFN tinha dentro CLFN buraco
 ‘Então quando Deus olhou o buraco, viu que tinha cabeças e rostos lá dentro’.

(56). Conto da criação

oda **one** nixigitiniwace ecalaye niGidiaGidi jaaGaGa
 CONJ **EVIREP** puxou branco assim já

nixigitiniwace ica japone icoa gaxiana ica boliwiana
 puxou pra cima CLFN japoneses CLFN paraguaios CLFN bolivianos
 ‘Então já puxou pra cima os japoneses, os paraguaios e os bolivianos’.

(57). Conto da criação

one aneote anaiditibige ica noigi ejewajegi jaaGaGa yowe
EVINF fez o que estava faltando CLFN povo Kadiwéu de repente fez

ijigo jiwi mida begi migaleGica me jakapetege
 eu vou ver este buraco se ainda tem outro COMP eu encontrar
 ‘Faltava o povo kadiwéu, de repente ele falou: vou ver este buraco se ainda tem outros para encontrar’.

(58). Conto da criação

one AneotedoGoji me noGa oninitibece oko inaa Gonite
EVIREP Deus COMP tirou cada uma das pessoas fique aqui

ina akami adeone ina ini ini eledi mete akami ina
 D você canto D D D outro ele disse para você D

one idi ica aneyate onitecibece latopagi ica oko
EVIREP D CLFN arrumar lugar cada tipo CLFN pessoa
 ‘Quando Deus tirou cada uma dessas pessoas, tinha que arrumar um lugar para cada tipo de pessoa’.

(59). Conto da criação

oda **one** ecotace ejigo jawa ibakedi
 CONJ **EVIREP** resolveu eu vou fazer minhas obras
 ‘Então ele resolveu fazer suas necessidades’.

(60). Conto da criação

naGa icotedicogi oda naGa igo **one** dibate ica iwogo ica
 T chegou CONJ T foi **EVIREP** pegar CLFN graveto CLFN

nocilakajegi
para limpar
'Então quando foi se limpar pegou um graveto'.

(61). Conto da criação

oda	niGijo	iwoGo	naGa	enitini	oda	one	dapawe
CONJ	CLFN	graveto	T	caiu	CONJ	EVIREP	gritou

oi oi oi
oi oi oi

'Então quando o graveto caiu, gritaram oi oi oi'.

(62). Conto da criação

oda	jonaGa	ixo	one	AneotedoGoji	idokaneGenitiwaji
CONJ	depois	amaldiçoou	EVIREP	Deus	fiquem assim

akami iwiiadi akami alatikegipe
vocês caçadores vocês nômades

'E diz que ele os amaldiçoou: vocês serão caçadores nômades'.

(63). A mulher onça

one	idi	ica	wadonadi	ica	icoa	nokododi	ica	aca
EVIREP	D	CLFN	casal	CLFN	CLFN	naqueles dias	CLFN	que

liGeladi ica liGeladi ica Godoigi
tinha CLFN tinha CLFN casa

'Tinha um casal, nessa aldeia, que tinha uma casa'.

(64). A mulher onça

one	dinewegi	ica	apakanigo	miditaGa	ica	wa
EVIREP	passando	CLFN	bico	embaixo	CLFN	sombra

'Passando o bico embaixo da sombra'.

(65). A mulher onça

one	yoxoGonoko
EVIREP	meio dia

'Era meio dia'.

(66). A mulher onça

oda	noGonenadi	acoa	iwalo	one	eete	icoa
CONJ	quando diz que viu	CLFN	mulher	EVIREP	ela afirmou	CLFN

lodawa emani me ejigo jawo Gonibole inadeegi
marido você quer COMP eu vou indo nossa carne trazer

'E a mulher falou para o marido: Você quer que eu traga essa ema para que tenhamos carne?'

(67). A mulher onça

one	icoa	Gonelegiwa	one	nawela	one
EVIREP	CLFN	homem	EVIREP	assustado	EVIREP

igameGanimaweneGegi?

como?

‘E o homem assustou: mas de que maneira?’

(68). A mulher onça

oda	one	acoa	iwalo	cia	ejigo	inadeegi	jiketaGawa
CONJ	EVIREP	CLFN	mulher	INTJ	eu vou trazer		mostrarei

anodaGee	pida	nige	janotaGawa	ina	epece	adotaGaneGeni
meu jeito	CONJ	CT	chegar	D	demore	falar comigo

nige eyomaGa

CT falar com você

‘Ela disse: Ah! Mostrarei meu jeito, mas quando eu chegar aqui demore falar comigo até que eu mesma fale com você’.

(69). A mulher onça

oda	noGonicotedicogi	one	dinaxoGotedi	odowejegi	me
CONJ	chegando lá	EVIREP	pulou	primeiro	COMP

dinaxoGotedi

pulou

‘E chegando lá, ela se jogou a primeira vez’.

(70). A mulher onça

pida	niGina	me	dinabicetedibece	one	iwolaGadi	latobi
CONJ	D	COMP	pulava	EVIREP	alisava	seu rosto

inowa naxapo

D unhas

lamadi

seu cabelo

‘Mas em todos esses pulos que ela dava, ela apalpava o rosto, as unhas e o cabelo’.

(71). A mulher onça

oda	noGonenotace	oda	one	dinaxogotacenibece	oda	jona
CONJ	voltando	CONJ	EVIREP	pulou de novo	CONJ	T

dabiditacedi

levantou de novo

iticoGo

passou mão no

lamadi

seu cabelo

‘E voltando então pulou de novo, e levantou e passava a mão no seu cabelo’.

(72). A mulher onça

oda	noGonenodete	icoa	atone	yotaneGe	nexa	ikete	ica
CONJ	chegando a ele	CLFN	EVIMIR	falava	só	mostrou	CLFN

apakanigo oda jiGigotibece pida jaGadowa me iwalo pida
 ema CONJ foram embora CONJ já era COMP mulher CONJ

anaGa dotaGa diniwoloaditedicebe
 ainda não fala pensando

‘E ela chegou até o marido, não falava nada, só mostrava a ema, e foram embora, mas ela já era mulher e passando várias vezes a mão no rosto e no corpo’.

(73). A mulher onça

jona leegitece naGa **one** yotaGaneGe
 T longe CT **EVIREP** falou

‘Eles já estavam longe quando ela falou’.

(74). A mulher onça

one eete ica mele ica midida ica Gonibole
EVIREP ela afirmou CLFN que bom CLFN que boa CLFN carne

‘Ela disse: que bom, temos está boa carne’.

(75). A mulher onça

one icoa lodawa igame GanimawenaGegi ica me elowati
EVIREP CLFN marido WADV você conseguiu CLFN COMP você matou

ica nokanice daGa naitice ijo ijeGagi
 CLFN fingindo NEG ter visto CLFN bicho

‘E ele perguntou: mas como você conseguiu matar a ema? Ele fingindo não ter visto a onça’.

(76). A mulher onça

one eete etidiGaxi yowigiwepodi oda datopetigi
EVIREP ela afirmou ensinaram parentes CONJ bateu na

niale oda ja yeleo dinoke lotoinaGadi
 árvore CONJ ADV morreu quebrando pescoço

‘Disse ela: igual ensinaram meus parentes, eu assustei a ema, ela bateu na árvore e já morreu quebrando o seu pescoço’.

(77). A mulher onça

oda jona node icoa eletidi Gonelegiwa **one** eete
 CONJ T convidou CLFN outros homens **EVIREP** ele afirmou

acoa lodawa ijigo jawo Godopegajo ejigo joletigi
 CLFN esposa eu vou indo oca eu vou buscar

exatelamodi

folha de bacuri

‘Então ele já convidou os outros homens dizendo para a esposa: eu vou buscar folha de bacuri’.

(78). A mulher onça

oda jona yeloGoditediogi ica libeyakeGegi **one** editiogi pida
 CONJ T contou para eles CLFN defeito **EVIREP** disse CONJ

yapalaGanaGadi me inexatela motidi onoditalo niya
 minha desculpa COMP buscar folha de bacuri disseram para ele INTJ

ele me eloitema ade Gadelowate emii midi eledi Godowigiwepodi
 bom COMP correr dela CONJ mata você vá nos outros parentes

natiginigoi jopetaGa nokanice eniGa jawiGa adinoweni
 amanhã vamos cedo faz de conta vamos caçar você se prepare
 ‘E contou para eles o problema dizendo: minha desculpa é buscar folha de bacuri. E disseram para ele: é bom que você tome cuidado, de repente ela mata você, se prepare e vamos fingir ir na caçada, vamos levar você para outra aldeia’.

(79). A mulher onça

oda **one** nawela icoa **one** niya amina Gabakedi
 CONJ **EVIREP** assustou CLFN **EVIREP** INTJ WPRO você faz
 ‘E ele assustou dizendo: o que você está fazendo aqui?’

(80). A mulher onça

oda **one** acoa iwalo codaGida ica niye jakapaGatiwagi
 CONJ **EVIREP** CLFN esposa de repente CLFN INTJ nos encontramos

atejitigi ica me niginaGanaticogi
 não sabia CLFN COMP você viria para cá
 ‘Então disse a esposa: de repente nos encontramos, não sabia que você viria para cá’.

(81). A mulher onça

oda **one** eete acoa lodawa agami icoGoitigi emi
 CONJ **EVIREP** ele afirmou CLFN marido WADV direção? Vai

awi
 caçar?
 ‘Então ela disse para o marido: de onde você vem? Vai caçar?’

(82). A mulher onça

one ee icoa Gonelegiwa ah ene ewi noGidaGee
EVIREP afirmar CLFN homem INTJ que verdade até

ejigo jawi inodetiogi Gonelegiwadi etidodenoda ijowa Gonelegiwa
 eu vou caçar vou convidar homens eles me convidaram D homens

one ee ejigo jawi
EVIREP afirmar eu vou caçar

‘Ele disse: sim nós vamos caçar, eu vou caçar, até já combinaram comigo, fui convidado para caçar’.

(83). A mulher onça

oda naGa **one** nigo jona nowenakadi icoa akokododi naGa
CONJ CT **EVIREP** dia T cantava CLFN galos CT

yapacaGatege nigo
clareou dia

‘E no outro dia, quando cantava os galos, clareou o dia’.

(84). A mulher onça

icoa lodawa oda yowogoditeda **one** ee jaGanaGanowa
CLFN marido CONJ sabia **EVIREP** afirmou ela mesma

GoniotaGodo onexa anidakitalo ina baGa anigidedigi
nossa senhora apenas cuidado D T joguem certamente

adeGica ane yelowadi
CONJ RLTV ela mata

‘O marido disse: é ela mesmo, cuidado, jogue as flechas para acertar, senao ela mata um de nós’.

(85). A mulher onça

one eete igaa madoelitio aGaleGemi awi
EVIREP ela afirmou WADV que você voltou você não vai mais caçar

‘E ela disse: porque você voltou? Não vai mais caçar?’

(86). A mulher onça

one eete aGica codaGida naGa idopitijo
EVIREP ele afirmou não de repente CT voltei

‘E ele disse que não era por nada, de repente decidiu voltar’.

(87). A mulher onça

oda **one** eete daGaleGeniGa inoGaGa namokoligi
CONJ **EVIREP** ele afirmou podemos ir tirar coqueiro

jawoda laagigi
fazer pouquinho mingau

‘E ele convidou ela para ir tirar coqueiro para fazer um pouquinho de mingau’.

(88). A mulher onça

oda jiGigotibece onaGa ica lagigi niGica noGotota ica eyawigo oda
CONJ foi tirar CLFN seu bagaço chegaram CLFN coqueiro CONJ

one jona lowoGo me yelowadi aniwa lodawa
EVIREP T seus pensamentos COMP matar CLFN esposa

‘E chegando num dos coqueiros, seu pensamento era de já matar a esposa’.

(89). A mulher onça

oda **one** eete anicoti ina inaGoni alitiwa
CONJ **EVIREP** ele afirmou sente aqui fique aqui espere

alejagagidi idoda Godagigi anokoigi Godatacanigi bidigi jenaGati
vou cortar D nosso bagaço trance nosso cesto para que encheremos
'E disse para ela: sente aqui, espere, vou cortar o bagaço. Trance um cesto para encheremos'.

(90). A mulher onça

oda naGa **one** yakagidi ica **one** domeGete alati aliti
CONJ CT **EVIREP** cortou CLFN **EVIREP** tentou mudar mude

aonaGa alati acoa iwalo
EVIREPNEG-? mudou CLFN mulher
'E ele disse para ela mudar de lugar várias vezes, mas a mulher não mudou'.

(91). A mulher onça

oda naGa **one** dojiti ica eyawigo **one** dojitelogo acoa
CONJ CT **EVIREP** caiu CLFN coqueiro **EVIREP** caiu na CLFN

iwalo niGica me dojitelogo oda niGidi ane ipiati atale
mulher CLFN COMP cair na CONJ D RLTV pressionou não era mais

iwalo ja nigediogo idi ane ipiati
mulher ADV onça D RLTV pressionava
'E quando caiu o coqueiro sobre ela, já não era mais a mulher, era a onça'.

(92). A mulher onça

oda ja dopitedio icoa Gonelegiwa enagitediogi ica lowigiwepodi
CONJ ADV voltou CLFN homem buscando CLFN familiares

acoa iwalo **one** editiogi diganagi awini Goniotagodo
CLFN mulher **EVIREP** disse venha ver nossa senhora

ja iniytace akaadoma ejitaGawaji idoiteGenitiwaji
ADV eu matei faz dias te falar tive medo de vocês falarem
'Então o marido voltou, foi buscar os familiares da mulher dizendo: venha ver, queria avisar a tempo, mas sem ofender'.

(93). Índios da noite

icoa eletidi noika baGa **one** ewaligitigi enoale inaGina iname noko
CLFN outros índios T **EVIREP** passeava noite aquele como dia
'Esses índios andavam de noite como se fosse de dia'.

(94). Índios da noite

oda ikoa noika idatibece **one** niotaGa ditigimedi niale ina
CONJ estes índios às vezes **EVIREP** dormiam em cima árvore D

me noko

COMP dia

‘E esses índios dormiam em cima das árvores durante o dia’.

(95). Índios da noite

coda	one	diwojo niGicoa	noika	odatica	nopitena	coda
CONJ	EVIREP	bravo CLFN	índios	usavam	flechas	CONJ

maaGaGa iwoGo odatika

também pau usavam

‘E aqueles índios bravos usavam flechas e paus’.

(96). Índios da noite

idatibece	one	oyelowadi	oko	coda	datibece	maaGaGa
às vezes	EVIREP	matavam	pessoas	CONJ	às vezes	também

oyeligo ica oko

comiam CLFN pessoas

‘E às vezes matavam e comiam as pessoas’.

(97). Índios da noite

one	inoatibece	icoa	domaGa	noGetedi	domaGa
EVIREP	às vezes	CLFN	quase	presentes	quase

oyadegitiogi

levavam a eles

‘Às vezes, os presentes quase levavam eles’.

(98). Índios da noite

oda	idatibece	one	domaGa	owotibige	daGa	liciagi
CONJ	às vezes	EVIREP	quase	faziam para que	NEG	parecidos

‘E às vezes faziam para ficar parecidos’.

(99). Índios da noite

one	oyetigilo	aca	caminhão	inoatawece	icoa	noGetedi	ica
EVIREP	enchiam	D	caminhão	todos	CLFN	presentes	CLFN

noika

índio

‘Enchiam o caminhão com presentes para esses índios’.

(100). Índios da noite

oda	one	oyalaitibigiwaji	oyodotedice	icoatawece	icoa
CONJ	EVIREP	deixaram	distanciaram	todos	CLFN

bolaxaGaxidi idaGee oyadotedice
caixas de bolacha desta forma derramaram
'Abriram as caixas, derramaram tudo e as bolachas eram jogadas ali no chão'.

(101). Índios da noite

oda one oyaaGadi oyojoletiwaji oyadegiticogi aGoyema
CONJ EVIREP rasgaram jogavam levavam não queriam
'Eles rasgavam e não queriam'.

(102). Índios da noite

one idoiGatibige ica noika leeGodi atejooGataGa mige
EVIREP temos CLFN índios por isso não sabemos talvez

onotoGowa okanicodaGica lakata enoale
chegam até nós a qualquer hora noite
'Tememos esses índios porque não sabemos, eles podem chegar a qualquer hora da noite'.

(103). História dos alimentos

one jigiwetaGa lamodi mana otacigo nige docime
EVIREP sapecar folha de ipê amarelo CT crocante
'Sapecamos a folha do ipê amarelo para ficar crocante'.

(104). História dos alimentos

natigide aGaGa idalaGata ica liwaGa baGa **one**
ADV também vou falar CLFN anta T **EVIREP**

jelicaGa liwaGa
comemos anta
'Agora vou falar sobre a anta, não comemos anta'.

(105). História de antigamente

pida niGica jotigide maGaGa odibatiogi ica ninakilaGa
CONJ CLFN antigamente que também pegavam CLFN ninakilaGa

aonaGicoa icowa lowodi
EVIREPNEG-? aquele roupa
'Mas antigamente, esses que pegavamos das aldeias inimigas também não tinham roupa'.

(106). Caçada do cervo

oda **one** oniGodi **one** oyatita wacaloladi
CONJ **EVIREP** mataram **EVIREP** usando laço de couro de vaca

moyoke oigoetinioace
para laçar amarrando eles
'Então mataram usando laço de couro de vaca para laçar, amarrando-os'.

(107). Caçada do cervo

oda digoida manitaGa aca liGeladi onaniwa acoa iwalo
 CONJ ADV em uma D aldeia tinha CLFN mulher

one eete icoa lodawa
EVIREP afirmou CLFN marido
 ‘E na aldeia tinha uma mulher que desafiou o marido’.

(108). Caçada do cervo

oda **one** eete daGaleGaGa emi aGica ica Gonibote
 CONJ **EVIREP** afirmou você poderia ir não tem CLFN nossa carne

daGaleGaGa natigidi
 você poderia agora
 ‘Ela disse: você poderia ir, não temos carne’.

(109). Caçada do cervo

oda **one** icoa lodawa ecepaGejigo jigalatece niGanigipi nige
 CONJ **EVINF** CLFN marido resolvo ir seguindo meninada T

jiwidatiogi
 alcança-los
 ‘E ele resolveu ir dizendo: vou ver se consigo alcançar eles’.

(110). Caçada do cervo

aca oticaGanigo iwagiwa aca ane ixagodi libiwe coda **one**
 D cervo ? D RLTV vermelho chifre CONJ **EVIREP**

diwojo
 bravo
 ‘Era dos bravos, tinha chifre vermelho’.

(111). Caçada do cervo

one waxoitedice ica nilolanaGa **one** dibate ica
EVIREP desceu de CLFN touro **EVIREP** pegou CLFN

laxaconaGanadi
 seu porrete
 ‘Ele desceu do tourinho e pegou seu porrete’.

(112). Caçada do cervo

one domaGa jaxacoGo me yelowadi niGica maaGa
EVIREP queria bater para ele matar CLFN quando

naditegenaGaca oticaGanigo
 avistado pelo cervo
 ‘Ele queria matar batendo no cervo, mas ele o viu’.

(113). Caçada do cervo

oda jaaGaGa walokoditege joaGaGa diwojo naGa
 CONJ quando correu na direção dele porque bravo CT

one dakapetege dibatatetece ica me doma yaxacoGo
EVIREP encontrou errou nele CLFN COMP ? bater
 ‘Então veio em sua direção, pois era bravo, e ele tentou bater no cervo mas errou’.

(114). Caçada do cervo

oda onigo **one** dopitijo **one** lakatigi aca oticaGanico
 CONJ ir **EVIREP** voltar **EVIREP** mania dele D cervo
 ‘O cervo tinha mania de voltar’.

(115). Caçada do cervo

one oige acoa lodawa onoditalo: igoataga?
EVIREP perguntaram CLFN mulher dizendo para ela cadê ele?
 ‘Perguntaram para a mulher dele: cadê ele?’

(116). Caçada do cervo

one domaGa igo igalatedaGadicetiwaji emitiwaji
EVIREP ? ir alcançar todos que vocês foram todos

awi

caçar

‘E ela disse que ele tinha ido alcançar os que foram caçar’.

(117). Caçada do cervo

oda **one** walokoditeloco ica ane nojogotigi
 CONJ **EVIREP** corria na direção dele CLFN RLTV chifrava
 ‘E de repente voltava a chifrar alguma coisa ali no chão’.

(118). Caçada do cervo

oda **one** iniwa igo nowidila iniwa enidite
 CONJ **EVIREP** um ia indo por trás um chamou atenção
 ‘Então um ia por trás enquanto o outro chamava a atenção’.

(119). Caçada do cervo

one eloitibice aGaleGaca lolagodo
EVIREP corria de um lado para o outro sem couro

noGoneleditace noko jonaaGaGa yeleo naGaca oticaGanico
 no outro dia também morreu aquele cervo
 ‘Corria de um lado pro outro sem couro, no dia seguinte o cervo também morreu’.

(120). A caçada do cervo

one leeGodi me iiGe icoa lodawa
EVINF por isso **COMP** mandou **CLFN** seu marido
 ‘Por isso ela mandou o marido’.

(121). O Kadiwéu se cuida

Ejiwajegi **aona** yeligo labidaGa
 Kadiwéu **EVIREPNEG** comer raspa
 ‘O kadiwéu não come raspa’.

(122). O Kadiwéu se cuida

atone eo lotiido ica iwaalo
EVIMIR faz leite **CLFN** mulher
 ‘Diz que a mulher não dá leite’.

(123). O Kadiwéu se cuida

atoneo me jomololaGati niGina me iweniti ica oko
EVIMIR-? **COMP** nós afundarmos **D** **COMP** você mergulha **CLFN** povo
 ‘Porque não deixa afundar quando a pessoa mergulha’.

(124). O Kadiwéu se cuida

eledi **aona** aGalee oyeligo niGina beGee nigaanigipawaanigi
ADJ **EVIREPNEG** não mais não come **D** **ASP** crianças
 ‘Outra coisa que também não come enquanto é criança’.

(125). O Kadiwéu se cuida

one doitigi ica ejiwajegi daGa dilaike
EVIREP tem medo **CLFN** Kadiwéu **NEG** cabelos grisalhos
 ‘O kadiwéu também tem medo de ter cabelos grisalhos’.

(126). O Kadiwéu se cuida

leeGodi **one** iwacapaGadi latobi
 porque **EVIREP** enrugava rosto
 ‘Porque enrugava o rosto’.

(127). O Neegi

one eliodi ica me iadi icoa lime
EVIREP muito **CLFN** **COMP** sentia saudade **CLFN** amigo
 ‘Ele sentia muita saudade do amigo’.

(128). O Neegi

aona aGalee ica lita icoatigilo nokododi
EVIREPNEG não mais **CLFN** sua tranquilidade naqueles dias
 ‘E não sentia mais tranquilidade naqueles dias’.

(129). O Neegi

ica noko me daGaxa me diataka **one** ee
CLFN dia COMP muito COMP sentiu saudade **EVIREP** falou

niGida me ee ejigo imedi apiGo
esse COMP eu vou posar no cemitério
'No dia que ele sentiu muita saudade, falou: eu vou posar no cemitério'.

(130). O Neegi

naGa **one** Gokidi oda jona dinoe migo
CT **EVIREP** tarde CONJ T se aprontou para ir
'Já era tarde quando se aprontou para ir'.

(131). O Neegi

niGicotedicogi **one** igoe ica leladi
quando chegou **EVIREP** amarrou CLFN rede
'Quando chegou ao cemitério, amarrou a rede'.

(132). O Neegi

one micataGa daGa legeedi
EVIREP como se fosse NEG sonho
'E como se fosse um sonho'.

(133). O Neegi

niGina lime niGicote **one** dinixo eletto
ali estava seu amigo chegando a ele **EVIREP** bem vestido elegante
'Ali estava seu amigo chegando, e bem vestido e elegante'.

(134). O Neegi

oda **one** domaGa ibedoteteci pida aticoa me yakadi
CONJ **EVIREP** queria abraçar ele CONJ não era COMP achou

joaGa niwigo
já espírito
'Então queria abraçá-lo, mas não conseguiu porque já era espírito'.

(135). O Neegi

pida **one** yotaGaneGe **one** icoa lime liatagi
CONJ **EVIREP** falava com ele **EVIREP** CLFN amigo sua saudade
'Mas falava com ele: meu amigo, que saudade'.

(136). O Neegi

alawini **one** nadi acoa opake **one** digitiko
vocês olhem só **EVIREP** viu CLFN velha **EVIREP** costurava

dapagenaGa ani newacogo
remendando roupa D vasilha de costura
'Vocês olhem só, a velha que costurava remendando a roupa com vasilha de costura'.

(137). O Neegi

ina awicijipe lionekadi **one** itaGatibigiwaji nadinaGa
D moças rapazes **EVIREP** apressados se pintando
'Os grupos de moças e rapazes estavam apressados se pintando'.

(138). O Neegi

one eete ja ni pegi me jadonaGa
EVIREP disse ADV ele COMP casarmos
'E ele diz para o amigo, está perto de casarmos'.

(139). O Neegi

oda niGidoa ane diataka jaGaGa aniwa acoa nemaanoGodo
CONJ este RLTV sentia saudade CLFN CLFN pretendente

one domaGa libiniena acoa awicije
EVIREP era bonita CLFN moça
'Este que sentiu saudade tinha uma pretendente, a moça era bonita'.

(140). O Neegi

alawini naGa **one** dopitedice **one** iadi joaGa
vejam só CT **EVIREP** voltou em si **EVIREP** sentiu saudade porque

tibige ewi me libiniena acoa awicije
talvez verdade COMP bonita CLFN moça
'Vejam só, quando voltou em si sentiu saudade, porque a moça era verdadeiramente bonita'.

(141). O Neegi

naGa **one** liboledaGa **one** inida ica apolicaGanaGa
CT **EVIREP** buscaram carne **EVIREP** tem CLFN cavalo

idi litoladi
D seu arreio
'Quando buscaram a carne, tinha um cavquinho com seu arreio'.

(142). O Neegi

naGa **one** dopitijo ica liboledaGa **one** nawenaGa
CT **EVIREP** voltaram CLFN carneadores **EVIREP** carregados
'Quando voltaram os carneadores carregados'.

(143). O Neeqi

pida	inoa	niboledi	one	nopakiGijeena	loGopeloGole
CONJ	as	carnes	EVIREP	paineira	seus brotos

‘Comiam broto de paineira como carne’.

(144). O Neeqi

naGa	one	niodaGa	iniaGiniwa	aGaniodi
CT	EVIREP	comeram	mas ele	não comia

‘Eles (os mortos) comiam mas ele (o vivo) não comia’.

(145). O Neeqi

pida	baGa	one	awatediogi
CONJ	T	EVIREP	ficava entre eles

‘Mas ainda estava entre eles’.

(146). O Neeqi

one	idoiGatigi	daGa	dadilaGa
EVINF	tememos	NEG	tomar emprestado

‘Tememos que o morto tenha que pedir emprestado’.